

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE CAMPINAS

YAN PIRES DA SILVA

**A TEOLOGIA DA TERNURA COMO CHAVE DE LEITURA NO MAGISTÉRIO DE
FRANCISCO**

CAMPINAS

2024

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE CAMPINAS
ESCOLA DE CIÊNCIAS HUMANAS, JURÍDICAS E SOCIAIS
FACULDADE DE TEOLOGIA
YAN PIRES DA SILVA**

**A TEOLOGIA DA TERNURA COMO CHAVE DE LEITURA NO MAGISTÉRIO DE
FRANCISCO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Teologia da Escola de Ciências Humanas, Jurídicas e Sociais da Pontifícia Universidade Católica de Campinas como requisito para a obtenção do grau de bacharel em Teologia.

Prof. Dr. Luiz Albertus Sleutjes.

CAMPINAS

2024

Sistema de Bibliotecas e Informação - SBI
Gerador de fichas catalográficas da Universidade PUC-Campinas
Dados fornecidos pelo(a) autor(a).

S586t	<p>Pires da Silva, Yan</p> <p>A Teologia da Ternura Como Chave de Leitura no Magistério de Francisco / Yan Pires da Silva. - Campinas: PUC-Campinas, 2024.</p> <p>77 f.</p> <p>Orientador: Prof. Dr. Luiz Albertus Sleutjes.</p> <p>TCC (Bacharelado em Teologia) - Faculdade de Teologia , Escola de Ciências Humanas, Jurídicas e Sociais, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, 2024. Inclui bibliografia.</p> <p>1. Antropologia da Ternura. 2. Teologia da Ternura . 3. Papa Francisco .</p>
-------	---

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE CAMPINAS
ESCOLA DE CIÊNCIAS HUMANAS, JURÍDICAS E SOCIAIS
FACULDADE DE TEOLOGIA
YAN PIRES DA SILVA**

**A TEOLOGIA DA TERNURA COMO CHAVE DE LEITURA NO MAGISTÉRIO DE
FRANCISCO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado e
aprovado no dia 18 de junho de 2024 pelo
professor orientador:

Prof. Dr. Luiz Albertus Sleutjes.

Pontifícia Universidade Católica de Campinas

CAMPINAS

2024

Aos meus pais

Altina e Paulo, gratidão por seu amor e ensinamentos.

AGRADECIMENTOS

Ao Senhor, Deus da vida, por revelar-se com seu amor-ternura, inflamando em mim um coração inquieto, desejoso por conhecê-lo e aprofundar em seus mistérios.

Ao Professor Dr. Luiz Albertus Sleutjes pela orientação atenta, segura e cordial.

À minha família religiosa, a Congregação dos Religiosos Agostinianos da Assunção, na pessoa do Padre Provincial Marcos Antônio Dias, por me conceder a oportunidade de crescer com os estudos acadêmicos.

RESUMO

O presente estudo monográfico almeja discorrer sobre a Teologia da Ternura e sua incidência no Papado de Francisco. Neste itinerário, será abordado os fundamentos que se entrelaçam entre a teologia da ternura e a reflexão do Papa Francisco, desde suas bases teológicas, bem como seus desdobramentos em sua missão como Sumo Pontífice. Para se alcançar tal objetivo se percorrerá um caminho teológico-bibliográfico que possibilitará produzir uma síntese teológica. Por isso, será realizado um recorte epistemológico tendo como objeto de pesquisa o Papa Francisco e o teólogo Carlo Roccetta, o qual permitirá realizar uma visão ampla e fundamental para entender a Ternura como um paradigma no papado de Francisco. Possibilitando, desta forma, compreender como a teologia da ternura reverbera no ministério de Francisco, em sua conjuntura e em seu exercício como Sumo Pontífice.

Palavras-chave: Ternura. Papa Francisco. Fraternidade. Misericórdia. Convivialidade.

ABSTRACT

The aim of this monograph is to discuss the Theology of Tenderness and its impact on the Papacy of Pope Francis. In this itinerary, the foundations that intertwine between the theology of tenderness and the reflection of Pope Francis will be addressed, from its theological bases, as well as its developments in his mission as Supreme Pontiff. In order to achieve this objective, a theological-bibliographical path will be followed that will make it possible to produce a theological synthesis. For this reason, a systemological section will be made using Pope Francis and the theologian Carlo Roccetta as the object of research, which will allow a broad and fundamental view to be taken in order to understand Tenderness as a paradigm in Francis' papacy. In this way, it will be possible to understand how the theology of tenderness reverberates in Francis' ministry, in his conjuncture and in his exercise as Supreme Pontiff.

Keywords: Tenderness. Pope Francis. Fraternity. Mercy. Conviviality.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

DV *Dei Verbum*, Constituição Dogmática sobre a Revelação Divina, Concílio Vaticano II.

EG *Evangelii Gaudium*, Exortação Apostólica sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual, Papa Francisco.

FT *Fratelli Tutti*, Carta Encíclica sobre a Fraternidade e a Amizade Social, Papa Francisco.

GS *Gaudium et Spes*, Constituição Pastoral sobre a Igreja no mundo atual, Concílio Vaticano II.

LG *Lumen Gentium*, Constituição Dogmática sobre a Igreja, Concílio Vaticano II.

LS *Laudato Si*, Carta Encíclica sobre o Cuidado da Casa Comum, Papa Francisco.

PaC *Patris Corde*, Carta Apostólica por Ocasão do 150º Aniversário da Declaração De São José como Padroeiro Universal Da Igreja, Papa Francisco.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	11
2. A ANTROLOGIA DA TERNURA	14
2.1 O Sentimento de Ternura	15
2.1.1 A Contribuição da Antropologia	17
2.1.2 O Eu e o Tu: convivialidade	19
2.2 A Perspectiva Bíblica da Ternura.....	21
2.2.1 A Linguagem bíblica veterotestamentária	22
2.2.2 A visão do Novo Testamento	24
2.2.3 O Evangelho da ternura	25
2.3. Teologia da Ternura	28
2.3.1 Jesus, mediador da Ternura do Pai.....	28
2.3.2 A cruz, expressão da Ternura de Deus	31
2.4. Síntese Compreensiva	33
3. TERNURA: UM CAMINHO ESPIRITUAL	34
3.1 A Compaixão de Jesus na Cruz	35
3.1.1 A Igreja da Ternura	36
3.1.2 O <i>Aggiornamento</i> na Vida dos Cristãos	39
3.2. A Ternura como Caminho de Vida	41
3.2.1 Ter e Ser Ternura.....	42
3.2.2 A Espiritualidade no Seguimento de Jesus	44
3.3. A Opção Preferencial Pelos Últimos.....	46
3.3.1 A Igreja, sacramento de Cristo Ressuscitado.....	47
3.3.2 A Esperança e a Renovação que Brotam do Espírito	49
3.4. Síntese Compreensiva	51
4. UM CAMINHO EVANGÉLICO AUTÊNTICO	52
4.1 A Teologia do Povo.....	53
4.1.1 A Contribuição Antropológica da Encíclica <i>Fratelli Tutti</i>	55
4.2 A Teologia da Ternura em Francisco.....	58
4.2.1 A Teologia e o Sentir	59
4.2.2 Sentir Teologia	62
4.3 Uma Igreja em Saída	64
4.3.1 A Opção Preferencial pelos Últimos no Magistério de Francisco	65
4.3.2 A Ternura e o Cuidado com a Casa Comum	67

4.4. Síntese Compreensiva	69
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	71
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	73

1. INTRODUÇÃO

A Teologia da Ternura é um percurso teológico que reflete sobre a compaixão, a misericórdia e o amor de Deus, especialmente em relação aos mais vulneráveis e últimos da sociedade. É uma abordagem que permite olhar de forma particular para a ternura de Deus em sua relação trinitária, no transbordamento deste amor para com seu povo e na resposta que a humanidade é chamada a viver com o Senhor e seus irmãos, pois, “Deus não existe e não pode existir senão como Amor” (ROCCHETTA, 2002, p. 310).

Refletir sobre a ternura nos permite compreender a práxis do amor de Deus com seus filhos, sobre o caminho de transformação das realidades de injustiça e sofrimento que devem ocorrer. Assim, “fora da vivência da ternura é real o risco de não ser capaz de exprimir uma adequada inteligência da mensagem evangélica da caridade” (ROCCHETTA, 2002, p.16), pois, a ternura é um caminho humanizador que permite o homem viver sua vocação primeira, sua comunhão de amor com Deus, no cuidado para consigo mesmo e com o outro.

A ternura é o amor próximo e concreto (FRANCISCO, 2018), que não se deixa acomodar em uma indiferença em relação à própria vida e de todos que estão ao seu redor, por isso evoca uma vivência convival. Desta forma, o amor terno do Senhor tem implicações práticas na vida daqueles que se deixam conduzir por sua misericórdia. Sendo assim, a ternura tem seu enraizamento no próprio Senhor, Jesus Cristo, que revela a ternura do Pai, seu cuidado para com o homem e toda criação.

Jesus em sua profunda sintonia com Deus-Pai e em seus gestos de amor para com a humanidade demonstra ao mundo como o amor terno evoca uma transformação de vida a todos que se deixam guiar por seu Espírito criador. Assim, a compaixão do Senhor é capaz de transformar todas as realidades de sofrimento, pois, “a ternura enverga o amor divino ‘para baixo’, o faz cruzar o abismo da transcendência, o enraíza na pequenez, na debilidade... que a seu tempo se convertem em força provocadora e atraente de tal amor” (FERNÁNDEZ, 2010, p. 71).

De fato, a ternura é um caminho fecundo, gerador de vida aonde se apropria um modo de ser e de viver, superando a indiferença, as injustiças sociais e o rigorismo no ambiente eclesial. “Esse sentimento de amplo valor divino e humano, que habita cada pessoa, possui um efeito transformador e renovador que abre espaço, permitindo para a divinização do humano” (FRETTO; SOUZA, 2019, p. 73). Por isso,

a ternura tem implicações teológicas, porque a forma de se pensar e fazer teologia está intimamente ligada a maneira como se concebe a visão de Deus e como se aplica esta na realidade, influenciando, portanto, no pensar teológico, no modo de ser Igreja e na práxis teológica nas realidades pastorais.

O Papa Francisco ao desejar uma Igreja pobre e terna, segue o mandamento do Senhor, anuncia ao mundo a Boa-Nova e cuida dos pequenos. Deste modo, Francisco é inspirador de um novo estilo eclesial, pois tem a convicção de que “o evangelho não é simplesmente o convite a salvar a alma, mas a proclamação de que o Ressuscitado é o primogênito de uma nova humanidade” (ROCCHETTA, 2002, p. 473). Justifica-se, desta forma, desenvolver uma reflexão sobre a ternura no Pontificado de Francisco, em seu desejo de uma Igreja que viva segundo o Espírito do seu Senhor, que se encarne nas diversas e se torne solidária.

A Igreja, comunidade de batizados é chamada a anunciar o amor de Cristo, a compreender de fato que o anúncio querigmático perpassa pela libertação de tudo que fere a vida do homem. A ternura é este caminho de vida autêntico e revolucionário, por isso, ao mesmo tempo possui tanto um viés antropológico como teológico, pois não é uma especulação, mas um estudo que proporciona mudança na vida do homem, tanto na esfera social como eclesial. Desta forma, “uma Igreja sem ternura seria uma Igreja sem coração; e uma Igreja sem coração seria uma Igreja distante da cruz de Cristo” (ROCCHETTA, 2002, p. 331).

Deste modo, há sentido refletir sobre a ternura em um mundo marcado pelos desafios que foram evidenciados com a sindemia, de uma humanidade marcada pela indiferença, pelo crescimento da desigualdade social, pela visão distorcida e intimista de Deus. Sendo assim, este trabalho tem como objetivo abordar a ternura no campo teológico como caminho de fraternidade e vivência do Evangelho e como tal compreensão influí no Papado de Francisco, em seus gestos e ações como sumo pontífice e em seu diálogo com o mundo.

Para tanto, a metodologia utilizada para este trabalho compreende-se em uma revisão bibliográfica e segue o método indutivo. A pesquisa permeará o levantamento bibliográfico sobre a Teologia da Ternura a partir da Sagrada Escritura, da Tradição e do Magistério. A reflexão bibliográfica desenvolver-se-á por meio do auxílio hermenêutico para compreender, analisar e identificar os elementos fundantes da Teologia da Ternura. Por conseguinte, será possível analisar e refletir sobre o *locus* teológico da teologia da ternura do Papa Francisco.

No primeiro capítulo será desenvolvido sobre a antropologia da ternura para compreender sua incidência na vida do homem, bem como o estudo da Sagrada Escritura e da teologia para aprofundar a ternura tanto como via de experiência humana como divina. No momento seguinte o segundo capítulo abordará sobre a incidência da ternura na vida da Igreja e dos cristãos, tendo como fundamento a pessoa de Jesus Cristo, sua vida segundo o Espírito, sua opção preferencial pelo últimos.

Já no terceiro capítulo, tratar-se-á de realizar uma reflexão sobre o papado de Francisco a partir da ótica do amor-ternura. Para tanto, será realizado uma reflexão sistemática sobre suas fontes teológicas, bem como uma reflexão sobre seu magistério, sua ação como pastor, sua preocupação com a humanidade e a Igreja. Assim, espera-se produzir uma reflexão que seja capaz de alcançar e produzir efeitos na realidade atual onde se carece de ternura.

2. A ANTROLOGIA DA TERNURA

O presente capítulo configura-se a partir do pressuposto que a ternura é um paradigma teológico necessário e humanizador, dotado de sentido teológico e antropológico, pois faz-se necessário pensar a ternura num mundo injusto, dividido, carente de diálogo, que deturpa a imagem de Deus. É necessário reflexionar sobre o papel da ternura para o mundo e a Igreja. “O Cristianismo mesmo, sem ternura, arrisca de aparecer em uma perspectiva extremamente reducionista, quase somente ritualista ou moralista, sem ser capaz de fascinar os jovens” (ROCCHETTA, 2002, p. 14).

A ternura como fundamento teológico e antropológico será o eixo deste capítulo. Deste modo, pretende-se demonstrar a importância do viés teológico da ternura, bem como sua incidência para a antropologia. É preciso afirmar que o pensamento teológico não pode ser algo acabado, fechado em si. A Revelação se dá através de palavras e acontecimentos e o ser humano em sua historicidade deve ser levado em conta para que se compreenda este processo. Diante disso, uma teologia que não parta da antropologia é superficial e carece de significado na vida da humanidade.

A ternura supõe a capacidade de participar, corpo e alma, na celebração das inúmeras sinfonias do mundo, nas suas alegrias e suas dores, vivendo com alteridade relações cordias (*cor/cordis*: coração), de intercâmbio, de reciprocidade paritária e de beleza (ROCCHETTA, 2002, p. 10).

O Concílio Vaticano II propõe um novo *modus vivendi et operandi*¹ para a Igreja e toda humanidade e a ternura é este caminho possível, pois a ternura é capaz de humanizar. É neste sentido que a teologia amparada pela antropologia luta pela dignidade e liberdade do homem, contra seu sofrimento, suas dores e angústias, para que livre destas amarras possa viver na liberdade, em sua singularidade e historicidade na presença de um Deus imanente e transcendente em sua vida.

Para tal caminho, este capítulo consistirá em três partes: (I) A antropologia da ternura, para entender o papel da ternura no aspecto antropológico, na vida do homem; (II) A ternura e a Sagrada Escritura, para adentrar na perspectiva bíblica da ternura; (III) Ternura e teologia para compreender a reflexão teológica da ternura e as reflexões que a partir disto se implicam.

¹ Em latim, *modus vivendi et operandi* significa o meio de viver e de fazer. Tal expressão refere-se a um novo jeito viver e de ser Igreja, de apresentar-se ao mundo, de dialogar com a humanidade, significa concretamente viver em comunhão, caminhar juntos como povo de Deus escutando os Sinais dos tempos.

2.1 O Sentimento de Ternura

Desenvolver sobre o conceito de ternura não é desabrochar em um sentimentalismo, ao contrário, o sentimento de ternura é força humanizante, capaz de revelar e demonstrar amor. “A ternura se dá como extraordinária experiência de bondade que invade o espírito e o corpo, em uma intensa emoção que vibra e se aplaca em suave distensão e intensa alegria” (ROCCHETTA, 2002, p. 31). Assim, tal sentimento leva ao resgate da dignidade do outro, a solidariedade, a expressão de compaixão para com o outro, para consigo mesmo.

Por isso, torna-se importante entender como um simples sentimento da ternura, que está inscrito no coração de cada ser humano, pode ser o elemento revolucionário de transformação da humanidade. Ser um sentimento “simples” não é sinal de “fraco”. Ao contrário, a ternura é a linguagem dos fortes, leva o amor a todos, principalmente aos pequenos, aos pobres, àqueles que, de algum modo, são excluídos de sua dignidade (FRETTO; SOUZA, 2019, p. 77).

A ternura neste sentido transcende toda brutalidade e violência que pode existir no ser humano e reverbera a dignidade da pessoa por meio do amor que há na humanidade, pois transforma a realidade e permite uma disponibilidade para mudança. Assim, “[...] é compreendida como uma necessidade básica, que atinge todas as dimensões humanas, principalmente aquelas que contribuem para a construção da pessoa, tanto na esfera individual, como na social” (FRETTO; SOUZA, 2019, p. 73). Revela-se ao mundo, deste modo, não por poder ou imposição, mas pela gratuidade, por sua dimensão transformadora.

[...] o sentimento da ternura, pois é concebido como conceito inseparável do amor. Sem amor, não se faz presente a suavidade pelo afeto. A ternura sempre será aquela que conduz o amor, inclusive no aspecto de proteger ao débil, algumas vezes deixando de atender às necessidades próprias para atender ao outro. Assim, a ternura faz parte da linguagem amorosa traduzida pelo calor humano oferecido.

Pensar numa cultura da ternura em contraposição a uma anticultura da violência, faz-nos acreditar na “ternura” como força transformadora que gera novas formas de ser e de agir no mundo a partir dos princípios que cuidam e mantêm a existência humana. Esses são oferecidos pelo direito à vida a todos os seres humanos, mas que, pela anticultura, foram esquecidos ou velados (FRETTO; SOUZA, 2019, p. 81).

Viver este sentimento de compaixão e misericórdia é mostrar ao mundo que um sentimento tão simples pode ter uma autoridade surpreendente, uma ação que clama ao homem a viver a gratuidade, a justiça, a cuidar do outro simplesmente por um ato de amor. Neste sentido, a ternura é um elemento fundante, pois, “[...] pela sua ação de ser, provoca ao mundo o exercício da gratuidade” (FRETTO; SOUZA, 2019,

p. 81). É um elemento de transformação que brota do coração do próprio homem. Além disso, é necessário escolher vivê-la, “na verdade, é preciso optar por ela, escolhê-la como caminho plausível, trazê-la ao nível da consciência e vivenciá-la diariamente em todos os contextos (TRASFERETTI, 2023, p. 197).

À medida que a humanidade adquire está consciência, o homem pode viver a ternura e ser ternura em todos seus atos. Portanto, capacita o homem para enfrentar todas as dificuldades, desde as socioeconômicas até as culturais, com ações pautadas no amor. Assim, “conduz o ser humano a fazer uma escolha de vida e a responsabilizar-se pela história que produz por meio do diálogo e do encontro junto aos outros, em todas as suas necessidades, independente do lugar cultural” (FRETTO; SOUZA, 2019, p. 81).

[A ternura] Por sua capacidade para conectar-nos com os processos de origem de nossa vida, pode gerar processos de ‘reprogressão’ determinantes na facilitação do que temos denominado ‘mudança de pensamento’ e ‘mudança de mentalidade’ (FERNÁNDEZ, 2010, p. 45).

Por conseguinte, é imprescindível ter a convicção que tal sentimento não é uma romantização do mundo, da visão e da ação do homem no mundo. Ao contrário, é uma realidade que promove uma nova forma de pensar, de ser e de se expressar. É interpelativo, pois, evoca no homem uma mudança interna, a qual se constata em suas ações. Desta forma, é preciso compreender a ternura como um projeto revolucionário, que impulsiona o homem a fazer uma escolha de vida, pois a ternura como afirma Fretto e Souza é um elemento primordial na vida da humanidade (2019, p.73).

Um valor capaz de renovar a humanidade e o mundo não com o poder dos meios econômicos ou com os instrumentos da propaganda e da dominação, mas com ‘a força do humilde amor’ na medida mesma em que se torna decisão consciente, ativa e criativa de solicitude amorosa e de não-violência, e se transforma em vivência histórica de solidariedade amical e de serviço gratuito (ROCCHETTA, 2002, p. 10).

Abre-se um novo horizonte, uma nova perspectiva na visão de homem e de mundo, pois este sentimento implica viver a autenticidade das relações para construir uma sociedade justa, pois, “[...] modifica o jeito de olhar porque respeita as pessoas em suas singularidades e as situações da vida em suas complexidades” (TRASFERETTI, 2023, p. 199). Somente o homem transformado por esse sentimento de ternura poderá transformar a realidade em que se encontra.

O ser humano, sim, porque ele tem um coração que sente a chaga do coração do outro e sabe compadecer-se dele. Construimos o mundo a partir de laços

afetivos. Esses laços tornam as pessoas e as situações preciosas, portadoras de valor e infinitamente adoráveis (BOFF, 2006, p. 19).

O conceito de ternura, desta forma, pode sugerir à primeira vista, apenas a relações pessoais, no âmbito dos sentimentos. No entanto, é necessário superar esta concepção, pois não é sentimentalismo, mas um elemento de transformação para humanidade. “A ternura não representa, portanto, um optional, mas uma vocação profunda que humaniza a pessoa e a torna solícita, capaz de escuta, de aceitação, de justa estima e tolerância” (ROCCHETTA, 2002, p. 31). Assim, desenvolvida a questão sobre o sentimento de ternura e sua implicação na vida do homem, pode-se explanar propriamente a antropologia e sua contribuição para o pensamento teológico.

2.1.1 A Contribuição da Antropologia

Construir um pensamento sistemático sobre a ternura evoca uma mudança empírica. Não se resume em uma especulação meramente teológica, ao contrário, é “flexibilidade, permeabilidade, abertura de coração, disponibilidade à mudança, e se constitui como rosto concreto de uma dileção afetiva que se faz benevolência e afabilidade” (ROCCHETTA, 2002, p. 30). Sendo assim, pensar a ternura em seu aspecto antropológico é um quesito indispensável para compreender a teologia da ternura.

Somente focalizando um conceito adequado de ternura como realidade natural e individuando suas coordenadas mais significativas, será possível verificar, sucessivamente, a correspondência com os conteúdos e a reflexão da fé, lançando luz sobre seu valor teológico. Com efeito, a ternura deve compreender-se principalmente como uma predisposição de ordem antropológica inscrita em nós desde o nascimento: essa pertence à nossa identidade mais profunda e se qualifica como “sentimento”, capacidade de “sentir”, páthos, que compromete todo o ser, abrindo à humanização, ao encontro, à “com-paixão” e à convivialidade (ROCCHETTA, 2002, p. 29).

A ternura consiste, desta forma, no amor presente no homem, que se relaciona com o próximo e com o mundo concreto. É um valor capaz de renovar a humanidade na medida que a mesma se torna uma decisão consciente e “[...] a partir de sua conscientização, apresenta-se como solução harmoniosa e afetiva nas diferentes divergências referentes ao âmbito da convivência humana” (FRETTO; SOUZA, 2019, p. 71).

Deste modo, é capaz de transformar o homem em sua relação com o mundo e com o outro, pois é um movimento que implica sair de si para ir ao encontro do outro. Neste sentido, a validade do amor terno no âmbito antropológico se deve ao seu

caráter revolucionário, em sua capacidade de transformar o mundo na medida que conduz ao amor. Por conseguinte, o aspecto vivencial da ternura é capaz de transformar cada realidade marcada pelo egoísmo, pela indiferença e a violência.

[...] a ternura emerge diante de nós como uma experiência comum e acessível “para todos”, uma necessidade “biológica” que goza de uma virtualidade curativa e restauradora (salvífica) capaz de ativar-se ante as “enfermidades” do homem e da mulher contemporâneos (FERNÁNDEZ, 2010, p. 46).

O amor-ternura pertence ao ser do homem, pois, pode-se afirmar que está ligada a esfera ôntica do ser humano e é constituinte de sua pessoa. “A ternura está inscrita nesta estrutura profunda da pessoa como o ser de um eu-encarnado-em-um-corpo que exige sentir-se amado e sentir capaz de amar” (ROCCHETTA, 2002, p. 32). Assim, ela conduz a cada homem e mulher a fazer uma escolha de vida, a deixar-se interpelar por tal sentimento, por esta livre iniciativa que está inscrita no coração da humanidade pela gratuidade do Criador.

A ternura, como “estupor de ser” e “força do amor humilde”, encontra seu fundamento antropológico não em conceptualizações abstratas ou especulativas, mas no coração mesmo da pessoa humana, na sua vocação ao amor e à comunhão, como reflexo de seu ser criado à imagem e semelhança de Deus: é deste pressuposto essencial de antropologia teológica que deriva a profunda aspiração do ser humano a realizar-se como ser-de-ternura e seu sonho de uma cidade do homem como “cidade da ternura”(ROCCHETTA, 2002, p. 53).

Deste modo, há este viés antropológico, no qual o homem é dotado de uma capacidade intrínseca de amar, de agir com compaixão. Além disso, a presença do sentimento de ternura impulsiona o senso de justiça presente no homem. A vivência deste sentimento é uma resposta a injustiça e a desumanidade que vivenciamos em nossa sociedade. Deste modo, é um elemento básico da condição humana, enquanto seres pessoais e sociais.

[...] a ação comunicativa da ternura é facilmente compreendida por todos, pois evidencia uma linguagem de total sensibilidade e humanidade, elementos primordiais que restauram a estrutura humana, muitas vezes, quebrada pela práxis violenta do ódio e do egoísmo (FRETTO; SOUZA, 2019, p. 73).

Sendo assim, pode-se definir a ternura a partir desta reflexão como um conceito relacional “[...] que se estabelece entre quem dá o ser e quem o recebe, construída sobre a base de uma vivência de acolhida incondicional e gratuita, possibilitadora de uma resposta de absoluta confiança e ‘total abandono’” (FERNÁNDEZ, 2010, p. 56). Deste modo, ser terno pressupõe olhar para o outro e sentir compaixão. É uma troca relacional entre o eu e o outro, pautado no cuidado, na convivialidade entre os homens e a natureza.

2.1.2 O Eu e o Tu: convivialidade

A ternura é chamada a amadurecer no coração do homem, há criar caminhos de reciprocidade para que haja acolhida, partilha e doação. Em tal caminho, percebe-se uma “[...] resposta cheia de maravilha ao Amor que nos doa em cada instante a nós mesmos, e aceitação agradecida de nosso ‘ser’, acolhendo-nos como o sinal visível de um Amor invisível e indestrutível” (ROCCHETTA, 2002, p. 38). Viver deste modo é construir relações autênticas, fazer bem para si e para os outros.

Ao abrir-se confiante do homem ao mundo e a seu Criador, corresponde um restar disponível à mudança de si, ao intercâmbio e ao encontro com o outro, percebendo a própria realidade existencial naquela dimensão mais alta que é dada pela consciência: se a vida nos é dada por Deus, nossa tarefa é transformá-la em um dom para ele e para o próximo com igual generosidade[...] (ROCCHETTA, 2002, p. 39).

Entretanto, é necessário refletir sobre o ser em relação ao outro, pois “[...] no fundo, tudo passa pelo outro, pois sem o diálogo com o outro, com o tu, não nasce o verdadeiro eu nem surge o nós que cria o espaço da convivência e da comunhão” (BOFF, 2006, p. 17). Neste sentido, a ternura refere-se a elementos que integram a vida do homem: o aspecto pessoal e social. Ademais, como dom de Deus, interpela a pessoa a ir ao encontro do outro, de sua realidade, em toda e qualquer circunstância.

Os “outros”, para a ternura, não representam uma abstração genérica ou só de “almas” a salvar, mas pessoas de carne e osso, com um nome e um rosto, uma história, esperanças e sonhos; pessoas que esperam um olhar, um sorriso, que têm necessidade de um aperto de mãos, de contatos solidários, de amizade e de solicitude. A ternura se dirige à historicidade concreta destes “outros” e, mais particularmente, à totalidade do ser de cada um deles; não é e não pode ser uma forma de encontro superficial, anônimo e massificante (ROCCHETTA, 2002, p. 40).

Ser terno impulsiona o homem a ir ao encontro do outro para configurar uma nova relação, não para construir uma relação como se o eu fosse superior ao outro, mas para transformar a realidade de si e de seus semelhantes. A convivialidade provoca esta abertura ao mundo, a realidade que se está cercado. Portanto, há de fato esse processo dialético que conduz a relação do eu com o outro, pois, o outro produz a consciência de que se é chamado a viver a ternura. O eu ama e comunica este amor tendo como modelo o amor da Trindade, mistério de comunhão e unidade.

O ser humano desperta para a autoconsciência do espírito no chamado de um tu amante. Poderíamos dizer que da consciência de ser objeto do amor de outro brota a consciência pessoal: “Sou amado, logo existo”. E a ternura aparece como um veículo privilegiado deste amor que nos faz ser, posto que é a forma expressiva modelar da comunicação de amor nestes estágios primeiros da vida nos quais brota a consciência (FERNÁNDEZ, 2010, p. 59).

A convivialidade é veículo de comunicação do amor, pois, “somente quem é iniciado neste itinerário é colocado na possibilidade de atuar o sentido profundo da ternura como estupor de ser, benevolência e relação convival” (ROCCHETTA, 2002, p. 40). Assim, a ternura é evocativo para construir relações sadias, para construir um convívio social autêntico, que reconhece a dignidade do outro, que vai ao encontro das fragilidades e constrói um mundo mais irmão.

Portanto, a presença do “outro” que outorga ternura, que ama e acolhe, é básica para que o “eu” sinta segurança em si mesmo, e possa estabelecer uma sadia relação positivamente respeito ao mundo que o rodeia. Tal segurança procede dessa confiança amorosa que é transmitida mediante a ternura, e será o fundamento de possibilidade para estabelecer relações sadias e confiadas com os outros, repercutirá em seu modo de incorporar-se a um grupo humano e inclusive em sua capacidade de olhar para o futuro com esperança projetando-se nele (FERNÁNDEZ, 2010, p. 61).

A consciência deste processo relacional coloca o eu em relação ao outro em uma linha horizontal, na consciência de que somos amados e amamos. A construção da consciência, portanto, é fundamental para se viver no projeto amoroso da ternura, pois à medida que é negada, a pessoa fecha-se em si mesma e irrompe uma corrente de ódio, de egoísmo e injustiça. A pessoa que nega viver a ternura se submete a um processo de fechamento de si, do outro e do transcendente.

Antropológica, psicológica e culturalmente o processo da formação da própria consciência, e conseqüentemente da personalização, passa necessariamente do movimento do tu para o eu (dom) e do eu para o tu (acolhida), e requer a disponibilidade a pôr em comum aquilo que se é e aquilo que se tem (partilha). Cada vez que a pessoa humana se recusa a este processo, negando-se ao encontro e à comunicação, se perde a si mesma: o alter torna-se alienus, e vice-versa (ROCCHETTA, 2002, p. 40).

Para tanto, é necessário aprender a sentir, refletir e agir pela ternura nas diversas realidade que a humanidade se encontra. É preciso construir processos de “pensar a existência, principalmente no contexto da nossa cultura ocidental, na qual se percebe a violência, a intolerância e a eficácia destrutiva, causando feridas profundas nos relacionamentos dos seres humanos entre si e em seus habitats” (FRETTO; SOUZA, 2019, p. 79).

Um dos problemas mais graves da modernidade e da pós- modernidade é a negação do outro: do outro como pessoa, do outro como diverso, do outro como ser necessitado; uma negação que está na origem das diversas formas de totalitarismo e de violência destruidora que ensangüentaram a história nestes últimos séculos e arriscam marcar em modo irreparável o novo milênio; uma negação do outro acompanhada por uma tendência sempre mais estimulada à instrumentalização e à mercantilização da pessoa, com a redução da vida - especialmente dos últimos e dos indefesos - a objeto de consumo ou até mesmo de exploração e ganância (ROCCHETTA, 2002, p. 75).

O sentimento de ternura aparentemente tão simples revela ao mundo que através de sua ação pode provocar esta mudança na sociedade contemporânea. Deste modo, representa um processo de libertação na vida do homem e de toda sociedade, pois, “a conscientização de que o ser humano pode ser ternura por meio de todos os seus atos de vida o encorajaria a enfrentar e vencer todas as barreiras: naturais, socioeconômicas e culturais, em defesa da sua própria dignidade” (FRETTO; SOUZA, 2019, p. 81).

Além disso, para os crentes “cada realidade e cada rosto constituem, para o que tem ‘os olhos do coração’, uma epifania viva de Deus, um sinal de sua presença e de sua afabilidade” (ROCCHETTA, 2002, p. 40). A ternura, portanto, é sinal visível do amor de Deus, a qual o crente olha a realidade a partir do olhar misericordioso de Deus e assim, age com compaixão. Deste modo, a relação da pessoa com Deus, consigo mesma e com o outro a dignifica.

A relação com Deus é, para o crente, o fundamento e o coração de toda outra relação. A ternura se coloca no ponto de cruzamento desta estrutura ontológica do eu espiritual-corpóreo, e é como a alma, a força vital da dialética de dom/acolhida/partilha que o constitui na plenitude de sua humanidade. A vivência da ternura requer, deste ponto de vista, um caminho diligente e prolongado no tempo para apreender a ser concretamente dom, acolhida, partilha, deixando-se plasmar pela ternura de Deus e atuando a verdade mais profunda do próprio ser à imagem da Uni-Trindade divina (ROCCHETTA, 2002, p. 42).

Ainda que o aspecto teológico tenha sido desenvolvido brevemente, por hora, cabe ressaltar que a presença e a marca do amor de Deus no homem são expressados pela ternura. Além disso, para compreender o aspecto teológico, serão abordadas as fontes bíblicas, as quais revelam como o homem compreendeu a ternura na leitura que realizou da história. Para isso, serão examinados os textos bíblicos com o auxílio de estudiosos que se dedicaram a aprofundar a linguagem terna.

2.2 A Perspectiva Bíblica da Ternura

A antropologia é indispensável para compreender a linguagem bíblica e teológica, pois, “a teologia da ternura, com efeito, será tanto mais rica quanto mais o seja a antropologia da ternura à qual possa fazer referência” (ROCCHETTA, 2002, p. 66). Compreende-se tal afirmação, pois, foi trabalhado até aqui a ternura em seu caráter ascendente, a qual perpassa pela experiência humana. A experiência humana

é via de acesso para experiência divina, assim, pode-se compreender a essencialidade da antropologia para teologia.

O homem é capaz de viver o amor, mas necessita de seu criador, “visto que sua finitude impede de poder realizar, sozinho, seu sonho de infinito. O evangelho é o anúncio que aquilo que era impossível ao homem foi feito possível por Deus” (ROCCHETTA, 2002, p. 66). Deste modo, o aspecto a ser desenvolvido é como o povo de Deus captou e verbalizou sua vivência da ternura na Sagrada Escritura. Compreender como o ser humano em sua trajetória de fé assimilou o amor de Deus em sua caminhada.

Somente a partir da percepção do papel transcendental da ternura em nosso desabrochamento como sujeitos humanos será possível estabelecer as bases a partir das quais, através de uma translação teológica, podemos tomar consciência de que este seu papel, vital em nossa vida, é a normal consequência de termos sido suscitados à existência pela Ternura de um Deus que em sua própria constituição interna se nos revelou, através da história e de um modo definitivo em Cristo, como um Deus de ternura. (FERNÁNDEZ, 2010, p. 61).

Além disso, para o crente é essencial compreender a resposta teológica a partir da Sagrada Escritura. Desta forma, antes de abordar propriamente a teologia da ternura, será desenvolvido o conceito de ternura nas Escrituras, no anúncio central da fé cristã, Jesus Cristo. Portanto, será feito um caminho da reflexão bíblica para que se compreenda que “o batizado é, de fato, chamado à ternura não só ou simplesmente em razão de uma instância do coração ou de um impulso emotivo, mas em força da palavra de Deus e de sua vida em Cristo” (ROCCHETTA, 2002, p. 117).

2.2.1 A Linguagem bíblica veterotestamentária

Na linguagem veterotestamentária não há um termo unívoco para ternura. Por isso, o conceito está presente na Sagrada Escritura em um rico vocabulário, expresso como misericórdia, perdão, amor e afabilidade. Tais termos indicam que em “[...]determinados contextos e em determinadas combinações com outros, nos descrevem um ‘Deus de ternura’, resgatando-os da indiferenciação em que as traduções haviam-nos submergido” (FERNÁNDEZ, 2010, p. 54).

Em hebraico, *rahûm*, traduzido ao português por misericórdia é o que mais se aproxima do termo neolatino de ternura. O termo *rhûm* refere-se ao sentimento mais profundo da pessoa, ao seu íntimo: sentir com as entranhas e agir com compaixão, “[...] evoca a idéia de um curvar-se em direção a alguém que se encontra em situação

de inferioridade ou indignação, fazendo-se próximo a ele e assistindo-o com cuidado” (ROCCHETTA, 2002, p. 122). R_hm refere-se deste modo

[...] a uma vivência de forte participação afetiva, que não se limita a observar de longe o objeto para o qual se dirige, mas o experimenta em primeira pessoa, com afabilidade, como no caso de uma mãe que vibra pelo filho dado à luz (1Rs 3,26). O verbo *raham* significa, conseqüentemente, sentir piedade, benevolência por aquele que se encontra em necessidade; uma emoção interior que se traduz em gestos concretos de bondade e de solicitude. Os gestos brotam como expressões visíveis de um amor intenso e de uma viva *com-pai-xão* que toca radicalmente as profundezas daquele que os realiza, comprometendo-o em todo seu ser (ROCCHETTA, 2002, p. 120).

A ternura de Deus também é comparada à de uma mãe, que age com amor e misericórdia para com seus filhos. Em Deuteronômio 32, 18 Deus é considerado como Aquele que gera, dá à Luz: “desprezas a Rocha que te deu à luz, esqueces o Deus que te gerou”. Primeiro Deus é considerado uma rocha, como auxílio e proteção, a função de um pai, ao mesmo tempo é o gerador, “é uma imagem que expressa a profunda ternura entre Deus e o povo, apesar de ser uma exortação” (SILVANO, 2023, p. 112).

No livro de Números (11, 1-15), depois de Deus castigar seu povo devido a murmuração, Moisés intercede pelo povo e em suas súplicas ao Senhor, refere-se a Deus como o gerador: “Fui eu, porventura, que concebi todo este povo? Fui eu que o dei à luz, para que me digas: ‘Leva-o em teu regaço, como a ama leva a criança no colo, à terra que prometi sob juramento a seus pais?’”. Apesar da infidelidade do povo e da murmuração, “Moisés apresenta perguntas retóricas para sensibilizar YHWH e fazê-lo perceber que foi Ele que concebeu o povo e, portanto, deve tratá-lo com ternura ao conduzi-lo à Terra Prometida” (SILVANO, 2023, p. 112).

A ternura de Deus também é comparada como a relação de um pai para com seus filhos, que protege, cuida apesar dos pecados e limitações: “Como um pai prova ternura por seus filhos, assim o Senhor é terno para quantos o temem” (SI 103,13). Ainda neste contexto, apesar das diversas infidelidades do povo, a ternura de Deus permanece, independe da ação do povo, o amor do Senhor é gratuito e oblato, é anterior a qualquer ato de pecado.

Cada vez que Israel se subtrai à ternura de Deus se transforma em “não-amada” (*lo' ruhamah*), mas depois que YHWH concede seu perdão volta a ser “amada” (*ruhamah*) (Os 1,6.8; 2,3.25). É significativo o recurso ao plural de intensidade *rahamîm* que literalmente, como fora notado, significa vísceras, um sentir profundo, mas que em sentido figurado indica as atestações concretas, os atos múltiplos de benevolência, os gestos de ternura de YHWH para seu povo.² “As tuas ternuras são grandes, Senhor”, afirma com gratidão o salmista (SI 119,156). (ROCCHETTA, 2002, p. 121).

Assim, a ideia de ternura compreende-se no termo *rahamim*: sentir com as estranhas, pois Deus está presente na vida de seu povo, o ama e o trata com ternura, se comove com a fragilidade humana. Deste modo, “[...] o Deus que nos oferece a salvação é antes de tudo o Deus de Ternura que nos olha como filhos saídos de suas entranhas, com este impulso amante e tutelar” (FERNÁNDEZ, 2010, p. 55).

2.2.2 A visão do Novo Testamento

A terminologia utilizada no Novo Testamento para ternura expressa-se propriamente em dois grupos linguísticos para a palavra amor em grego, “*agapan/agápe/agapetós* (amar, amor, amado); *philéin/philía/phílos* (amor em sentido amical, amizade, amigo)” (ROCCHETTA, 2002, p. 134), sendo o primeiro termo o mais empregado e relevante para o estudo da ternura no Novo Testamento.

O amor *philéin/philía/phílos* é utilizado no sentido de uma profunda relação de amizade, Lazáro (Jo 11, 11), Cornélio (At 10,24). Sendo assim, o termo empregado “[...] deixa entrever relações humanas muito intensas e remete à idéia de troca amical ou de amizade como valor existencial a conservar, e não negar. Em várias circunstâncias Jesus chama de “amigos” a seus discípulos (Lc 12,4; Jo 15,14)” (ROCCHETTA, 2002, p. 137).

Já a raiz do verbo *agapan* está ligada diretamente a ‘*hb*, que foi desenvolvido no aspecto veterotestamentário. No Novo Testamento a terminologia *agapan* se refere ao vínculo de amor entre Deus e seu povo e dos crentes entre si (1Jo 3,14.18; 4,7.8.19). A definição da Carta de São João (1Jo 4,8) em que Deus é amor, resume a novidade neotestamentária, pois, “o conceito de amor, em perspectiva agápica, supera de qualquer maneira seja a ideia platônica de um amor idealizado ou abstrato, seja a ideia epicúrea de um amor unicamente físico ou material” (ROCCHETTA, 2002, p. 135).

O substantivo *agápe* é habitualmente referido ao amor divino, especialmente na fórmula “*agápe tou Theoú*”, onde o “*tou Theoú*” pode ser ou genitivo objetivo (amor a Deus) ou genitivo subjetivo (amor de Deus a nós), ou ambos. Este amor comporta sempre, de modo explícito ou subentendido, a presença de um sentimento de participação, caracterizada pela acolhida, pelo dom, pela partilha (ROCCHETTA, 2002, p. 135).

O *agápe* expressa um amor terno, gratuito e disponível, que realiza no homem um movimento de coração, uma dimensão espiritual que o faz superar qualquer concepção egoísta. Assim, a humanidade vivendo o amor *agápe* concretiza o amor

para com Deus, para consigo mesmo, com o outro e toda obra da criação, “e isso em termos de dileção afetuosa, de amor generoso e solícito, e não como um simples episódio anônimo ou marginal” (ROCCHETTA, 2002, p. 136).

O amor agápe evoca no homem a percepção do amor do próprio Deus para com a humanidade. Os escritos paulinos relatam com fervor a percepção do Apóstolo do amor de Cristo até as últimas consequências: “amou-me e se entregou a si mesmo por mim” (Gl 2, 20). É a vivência do amor gratuito, do Pai que envia seu Filho para resgatar à humanidade em um gesto total de amor (Jo 3,16), que reverbera na comunidade que vive do amor de Jesus à Igreja (Ef 2,25; 5,2).

O amor agápe “[...]vem assim a ‘significar um amor religioso, no sentido de um amor que vem de Deus, amor gratuito, total, imutável e definitivo’, como se manifestara na concretude da existência histórica de Jesus e, em particular, na sua morte” (ROCCHETTA, 2002, p. 136). Assim, o amor de Jesus é manifestação concreta do amor do Pai, é dom de Deus para a humanidade, é força para os que sofrem, é ternura e fonte de consolação.

Não obstante, a Sagrada Escritura tem diversos termos para expressar a ternura de Deus, como em Oséias (2,21) sobre o amor sponsal do Senhor, em sua aliança para com seu povo. Em Lucas onde a ternura de Deus é comparada como a de um pastor: Deus é protetor, ama e cuida de seu rebanho (Lc 10, 14). Tais metáforas expressam o cerne a ser compreendido, Deus é terno, ama e orienta seu povo. Desta forma, a “Escritura nos testemunha um Deus ‘apaixonado’ pelos seus” (ROCCHETTA, 2002, p. 145).

“Com relação a todas as metáforas que a Bíblia utiliza, a ternura divina é constantemente descrita como uma ‘com-paixão’, no sentido mais alto e abrangente do termo, um deixar-se comover e um participar na vivência dos seus” (ROCCHETTA, 2002, p. 151). Assim, cabe-nos adentrar propriamente na ternura de Jesus, seus gestos e ações, que são a expressão máxima do amor de Deus.

2.2.3 O Evangelho da ternura

Refletir sobre a ternura de Jesus não é um devocionismo ou sentimentalismo, pois, “a ternura de Jesus revela o que de mais humano existe em Deus e o que mais de divino existe no homem” (ROCCHETTA, 2002, p. 151). Jesus é a autocomunicação do Pai, o que conhecemos e podemos compreender de Deus é comunicado por seu

próprio Filho. Deste modo, Jesus é um lugar teológico, seus gestos e ações comunicam vida, comunicam a misericórdia e o amor do Pai.

Os atos de Cristo não representam simplesmente anedotas ou bons exemplos, mas as encarnações históricas da ternura de Deus-Trindade e uma epifania da sua ternura invisível, como o é a totalidade da corporeidade do Verbo encarnado “inabitada pela plenitude da divindade” (Cl 2,9). Naquele agir imanente se manifesta o “Deus absconditus” (Is 45,15), o Deus transcendente (Jo 1,18), e se nos dá a possibilidade de apreender como o Onipotente se faz próximo da humanidade, com uma ternura absolutamente concreta, universal e pessoal, modelo e forma de toda ternura (ROCCHETTA, 2002, p. 155).

Jesus apresenta-se como a ternura do Pai, fazendo-se próximo dos últimos e abandonados, dos marginalizados e indefesos. Jesus vai ao encontro daqueles que se encontram em situações limites e necessitam de uma nova vida. Por conseguinte, “A plena humanidade de Jesus comporta historicamente uma plena assunção de seus sentimentos humanos, em particular da ternura como ato de afeição, como vivência, orientada ao ‘bem-querer’ e à piedade, à solicitude e ao cuidado dos outros” (ROCCHETTA, 2002, p. 157).

Os Evangelhos comunicam o amor terno de Deus. A profunda experiência de Jesus que sente compaixão e age com misericórdia, é a ternura encarnada do Filho de Deus. Ademais, toda forma de aproximação de Jesus aos pequenos, aos últimos é “[...]objeto de uma ternura sem limites de parte do Mestre, com a disponibilidade para ser seu próximo, em uma dimensão de predileção e de perdão, de convite à conversão e de oferta da salvação” (ROCCHETTA, 2002, p. 156).

Não obstante, Lucas começa seu evangelho condensando em toda a teologia veterotestamentária uma imagem: “as entranhas de ternura de nosso Deus” (Lc 1,78), e o traço que qualifica este Deus é sua “misericórdia”, porém uma misericórdia compreendida como movimento do coração divino estremecido, de tal maneira que se converte em antecipação de toda uma cristologia que gira em torno da ideia da “ternura de Cristo” (FERNÁNDEZ, 2010, p. 55).

A ternura de Jesus é expressa pela compaixão, pelo sentir com o coração e agir com misericórdia. Os atos de Jesus estão cheios de amor e misericórdia, “de entranhas que se comovem, de proximidade amparadora, de acolhida gratuita” (FERNÁNDEZ, 2010, p. 55). Os Evangelhos revelam a plena compaixão do Jesus histórico, pois, a compaixão é o sentimento que Jesus vive e expressa:

- perante os dois cegos de Jericó: “Jesus se comoveu (splugchnisthéis)” (Mt 20,34);
- ante a súplica de um leproso: “Movido de compaixão (splugchnisthéis), estendeu a mão...” (Mc 1,41);
- diante das lágrimas da viúva de Naim: “Vendo-a, o Senhor, teve compaixão dela (splugchnísthe ep’aute) e lhe disse: ‘Não chores!’” (Lc 7,13);

- na presença das multidões que o seguiam: “Vendo as multidões sentiu compaixão por elas (splaɡchnísthe perì autón), porque estavam cansadas e abatidas, como ovelhas sem pastor” (Mt 9,36);
- por ocasião da primeira e da segunda multiplicação dos pães: “Sentiu compaixão delas (splaɡchnísthe ep'autóis)” (Mt 14,14). “Sinto compaixão (splaɡchnízomai) desta multidão” (Mt 15,32) (ROCCHETTA, 2002, p. 156).

Assim, é importante destacar as ações de Jesus nas diversas realidades em que está presente, pois, a forma como se compreende a própria vida de Jesus e sua mensagem é a compreensão que se tem do conceito de ternura. Deste modo, é necessário aprofundar o conceito grego de *splagna* para compreender a linguagem da ternura nos Evangelhos. A linguagem de Jesus é a linguagem do Pai, o sentir e agir de Jesus brota da relação filial com o Pai:

O conceito relacional é *splagna*, antecipado nas *rahamîn* hebraicas: as entranhas de misericórdia de nosso Deus e as entranhas humanas de Jesus, que aparece como o revelador das entranhas de Javé, enquanto Deus de ternura. Este termo, *spla/gna*, especialmente importante em Lucas, encontrará seu equivalente joanino em *koili/a* (seio) e *pleura* (flanco). Jesus que estava no seio-entranha do Pai se converte assim na manifestação mais explícita de sua entranha. A ternura de Jesus tem seu principal manancial na relação paterno-filial, e na ternura que viveu ao lado do Pai (FERNÁNDEZ, 2010, p. 55).

A linguagem terna de Jesus pode ser expressa na parábola do bom samaritano (Lc 10, 25-37), a qual remete a compaixão que o Filho de Deus tem para com seus filhos, e não há uma ação moral, ou um emprego da lei. A ternura que o bom samaritano evoca é uma modalidade de ser, de agir de Jesus. “A atitude do samaritano é descrita como uma atitude de com-paixão (‘Vendo-o, teve compaixão dele’, Lc 10,33); uma compaixão que se fez misericórdia, atenção solícita e cura do ferido” (ROCCHETTA, 2002, p. 157).

Toda vez que os evangelhos fazem referência à “com-paixão” de Jesus remetem a um sentimento, a um modo de sentir realmente experimentado por ele, encarnado em primeira pessoa (in-carne), a um fazer-se próximo do necessitado, com o que isso implica no plano da participação e da disponibilidade ao serviço, até a auto-entrega de si por todos, em um gesto de ternura absoluta que não encontra outra razão senão o amor de gratuidade: “Ninguém tem amor maior que este: dar a vida pelos próprios amigos”(Jo 15,15) (ROCCHETTA, 2002, p. 157).

Outros elementos sobre a linguagem terna são verificados nos textos bíblicos, mas o cerne contido na compaixão de Jesus nos Evangelhos contempla a vivência da ternura. Além disso, a intenção não é exaurir os Textos Sagrados, mas compreender a linguagem do amor-ternura presente na Sagrada Escritura e sua incidência nos batizados, temática esta, que perpassará este trabalho monográfico.

2.3. Teologia da Ternura

A teologia amparada pela antropologia, pelo estudo e aprofundamento da Sagrada Escritura fornece um importante instrumento para mergulhar no mistério terno de Deus. “A teologia da ternura nos prepara para observar a imagem transcendente de um Deus Ternura que se abaixa e se curva sobre suas criaturas, deixando-se comover pela debilidade e fragilidade humana” (FRETTO; SOUZA, 2019, p. 81)

A teologia nos permitirá refletir sobre o agir de Deus, daquilo que nos é permitido compreender a partir dos dados da revelação. Deus se revela ao mundo como um Deus compassivo, que envia seu Filho, o qual se encarna e assume nossa humanidade, é um amor sem limites, amor até a morte de cruz. “Expressa um amor que pode perdoar porque vê, pela transcendência do coração, a cidade triunfante da gloriosa eternidade, permitindo o ‘já agora’ e ‘o ainda não’ do amanhã” (FRETTO; SOUZA, 2019, p. 81).

Só é possível refletir sobre o amor divino graças a revelação de Jesus, não há sentido em discutir sobre a ternura de Deus, se ela não nos fosse revelada pelo próprio Jesus. Assim, a teologia desenvolve-se a partir do próprio Cristo, que é o revelador do amor-terno de Deus, é o “[...] protótipo acabado da ternura tanto humana como divina” (FERNÁNDEZ, 2010, p. 68). Sendo assim, nos deteremos neste ponto na pessoa de Jesus e em seu mistério de amor e doação.

2.3.1 Jesus, mediador da Ternura do Pai

Jesus Cristo se comunica a humanidade pela graça divina, pois, “pela Revelação Divina quis Deus manifestar-se e comunicar-se a si mesmo” (Constituição Dogmática Dei Verbum [=DV], n. 6). Jesus Cristo é a revelação do Pai, “Eu e o Pai somos um” (Jo 10, 30). Deste modo, só é possível compreender algo sobre a ternura divina graças a revelação de Jesus. Não obstante, é preciso ressaltar que no primeiro ponto deste trabalho foi desenvolvido a ternura em seu caráter ascendente, o acesso a Deus através da experiência humana.

A primeira fase se centra na “ternura” como experiência humana básica, principalmente na especificidade de sua vivência na origem da vida humana: “ternura tutelar”, e em sua valência como via de acesso a Deus. A ternura tutelar se apresenta como esta experiência através da qual o ser humano

alcança de certo modo o transcendente ao perceber em perfeita unidade vivencial, finitude e infinitude, e o caráter absoluto do Amor como proximidade, acolhimento e promessa de salvação. Neste sentido falamos da ternura como mediadora do acesso a Deus: possibilitadora da ideia de infinitude que abre à transcendência⁵⁵ (FERNÁNDEZ, 2010, p. 68).

Haja vista que é necessário refletir sobre o movimento descendente. Contemplar a ação de Deus que se aproxima de seus filhos com amor, e assim, comunica a ternura: “viu e moveu-se de compaixão. Aproximou-se, cuidou de suas chagas (Lc 10,33-34). Nesta comunicação de Deus, Cristo é o mediador, tanto no caráter ascendente, pois Cristo é o modelo de humanidade, como no caráter descendente, pois em sua união íntima com o Pai, comunica o amor divino.

Na mediação de Cristo há um caráter que o ser humano não pode acessar sozinho, pois necessita da graça de seu Criador: “Esse é um Deus que se revela de modo compassivo a partir de sua encarnação e da doação de sua vida pela cruz, expressando que o amor não tem limites e penetrando na história humana” (FRETTO; SOUZA, 2019, p. 81). Deste modo, há um dado que o homem em sua finitude não consegue acessar por suas faculdades.

A ternura está aberta a uma plenitude última que o sujeito não pode conquistar por si mesmo. Ademais, a realização cabal de seu significado mais profundo não poderia dar-se na ausência da graça. Em outras palavras, o ser humano aparece esboçado, em sua estrutura mais original, como um “esperante da graça” através da necessidade da ternura (FERNÁNDEZ, 2010, p. 68).

Deus se revela ao homem por sua graça e bondade, por simples ato de amor e gratuidade. “E mais, se Deus não aparecesse como ternura amorosa, muito menos poderia ser recebido como o puro amor que é” (FERNÁNDEZ, 2010, p. 71). O Amor absoluto de Deus só pode ser apreendido pelo homem, graças a mediação da ternura, senão o homem se consideraria pequeno demais frente a tamanho amor, a grandiosidade do transcendente perante sua pequenez.

A Ternura divina nos alcança como mediação encarnada do amor de Deus, possibilidade infinita, impensada e inesperada, de incrível avizinhação e proximidade. Instante de divinização e ao mesmo tempo possibilidade de resposta, de abertura do ser ao totalmente Outro, sem que, por isso, o ser humano fique totalmente abrumado na mais absoluta dependência e na mais dura humilhação e miséria, a de não poder dar resposta ao amor infinito que se lhe outorga (FERNÁNDEZ, 2010, p. 71).

Assim, a ternura é um elemento essencial que permite aproximar-se de Deus, pois, diante da limitação humana o homem pode fazer a plena experiência do amor de trinitário. “A ternura enverga o amor divino ‘para baixo’, o faz cruzar o abismo da

transcendência, o enraíza na pequenez, na debilidade... que a seu tempo se convertem em força provocadora e atraente de tal amor” (FERNÁNDEZ, 2010, p. 71).

O amor-terno revela proximidade com o Criador, ademais, o caráter vulnerável do amor e, portanto, “a ternura como ‘força do amor humilde’ é uma viagem em direção a um amor que sabe transfigurar tudo e se deixa levar pelo amor como nas asas da águia, sabendo que cada ternura não é senão um raio da única Ternura” (ROCCHETTA, 2002, p. 45). A misericórdia de Deus possibilita que o eu, deste modo, sinta-se amado e possa amar com liberdade, respondendo ao chamado do Criador.

Daí que pareça lícito aventurar que neste mesmo momento em que surge o ser e se desperta a consciência de sua mesmidade, implicitamente seja dada a consciência criatural de seres destinados ao encontro com Deus, a receber nossa verdadeira identidade de seu chamado tanto na missão que nos confia quanto na proposta de filiação a que nos destina. E é lógico que seja assim, posto que enquanto imagem de Deus, o ser humano deve conservar um sentimento de sua origem no seio divino, no abraço divino, na Ternura de Deus, ainda quando lhe seja impossível retroceder para este regaço original (FERNÁNDEZ, 2010, p. 72).

Neste sentido, Deus toma a livre iniciativa de chamar o homem a viver o amor, mas não pode exigí-lo, o ser humano deve dar uma resposta livre e gratuita. “A ternura se torna assim provocação da constante saída do Criador na direção da criatura brindando-lhe a capacidade de resposta (FERNÁNDEZ, 2010, p. 71). Desta forma, a resposta gratuita do homem abre-o a iniciativa divina que o coloca nos braços ternos de Deus.

A “Ternura” divina seria esta graça que se dá como permissão de entrada na esfera entitativa de Deus, convidando-nos a participar na natureza divina - segundo nossa finitude -, introduzindo-nos numa experiência de proximidade, acolhimento e intimidade amorosa tais, que seja capaz de ativar a recordação do seio divino de que procedemos, possibilitando nos reconhecer criaturas, filhos e filhas destinados a uma participação na vida divina como filiação doada, e dando-nos ao mesmo tempo a capacidade para acolhê-la e responder-lhe (FERNÁNDEZ, 2010, p. 73).

O ser humano tem acesso ao Pai graças a revelação do Filho, por intermédio de seu Espírito. No entanto, ainda nos é necessário refletir como a ternura do Filho nos é comunicada em sua relação com o Pai (trindade imanente) e manifestada ao homem na trindade econômica, pois a ternura econômica é “[...] Ternura do Pai como expressão do Amor gerador do qual procede a segunda pessoa que desperta o Ser do Filho a Sua existência de Verbo encarnado (Ternura intratrinitária)” (FERNÁNDEZ, 2010, p. 73).

2.3.2 A cruz, expressão da Ternura de Deus

A teologia da ternura só é possível por meio de uma reflexão sobre a cruz, a morte e entrega de Jesus no calvário. A cruz revela a força e a fraqueza de Deus, o amor absoluto que se manifesta na entrega, no escândalo da cruz: “o que é loucura de Deus é mais sábio que os homens, e o que é fraqueza de Deus é mais forte que os homens” (1cor 1,25). Refletir sobre a cruz, não é deter-se na morte, mas compreender todo o mistério da vida de Jesus até sua entrega e retorno ao Pai.

Com efeito, uma teologia da ternura autêntica só é possível no horizonte da cruz; é nessa que se revela plenamente o rosto do Deus da salvação e se é capaz de remontar da ternura de Deus-Trindade (Trindade econômica) à ternura em Deus-Trindade (Trindade imanente). A “theologia crucis” é a mais alta revelação da “theologia Trinitatis”; uma e outra constituem o sentido e a razão de ser da “theologia teneritiae” (ROCCHETTA, 2002, p. 284).

“A cruz é uma ternura de abandono e de dom: uma é porque a outra é; sob ambos os aspectos, essa revela a ternura da Trindade e a desvela ao mundo” (ROCCHETTA, 2002, p. 283). A ternura é abandono, quando na aparente derrota de Jesus a força do amor se revela, na aparente fraqueza diante de tal ato cruento, se compreende tão precioso dom. Além disso, “da sua parte, a cruz proclama que a última palavra de Deus não é uma palavra de condenação, mas de ‘com-paixão’, de amor gratuito que salva;” (ROCCHETTA, 2002, p. 285).

A cruz, de fato, é compreensível somente na lógica do dom e do abandono (abandono = deixar o que se tem para doar o que se é), como acontecimento de “pietas” e de dileção de amor, de “fraqueza” que se transforma em força de salvação para todos. O dado fundamental a lembrar, para poder entrar de algum modo no significado mais alto e profundo deste drama irrepitível, é a relação filial absolutamente única, ontológica e inefável, mantida entre Jesus e o Pai (ROCCHETTA, 2002, p. 289).

É da compaixão do próprio Jesus brota do amor para com o Pai e sobretudo do amor para com os irmãos, “um novo mandamento vos dou: que vos ameis uns aos outros; assim como eu vos amei a vós, que também vós vos ameis uns aos outros” (Jo 13, 34). A identidade dos cristãos está na vivência do amor, na configuração ao Senhor crucificado e glorificado e, por isso, os crentes são chamados a ser testemunha de Cristo nos últimos, nos abandonados e excluídos.

Se fiéis “ao escândalo da cruz” (Gl 5,11), os cristãos são como “estrangeiros” e “sem-terra” entre os povos. Sua identidade não é compreensível senão como configuração ao seu Senhor crucificado e como testemunha viva da ternura de Deus para com os últimos, os abandonados e os excluídos. Não se pode eliminar este paradoxo. Os batizados vivem da cruz e levam impresso seu selo (Ap 7,2). É por esta via que a “theologia crucis” funda a teologia da ternura e manifesta seu conteúdo específico e inaudito (ROCCHETTA, 2002, p. 285).

A teologia da ternura tem seu fundamento na teologia da cruz e na teologia trinitária, que por sua vez reverbera no coração de cada crente o sentido profundo da entrega de Jesus, seu amor e sua disponibilidade em fazer a vontade do Pai. Jesus escolhe os pequenos e lhes mostrar a dignidade salvífica que Deus-trindade deseja para cada um de seus filhos. Nesse sentido, para Rocchetta os crentes e a comunidade são marcados pelo sinal da cruz, por este paradigma, e assim são impelidos a ir ao encontro dos últimos e dos crucificados de seu tempo (2002, p. 328).

Não somente o encontro com Cristo é evento de ternura, mas não é possível compreender o significado pleno da ternura senão olhando para a figura do Crucificado. Manifestando a ternura de Deus-Trindade e consentindo em remontar à ternura em Deus-Trindade, o mistério da cruz revela a ternura do homem ao homem e o coloca em uma condição de graça que só lhe permite realizá-la plenamente. A cruz está no centro da história como a nova árvore da vida (ROCCHETTA, 2002, p. 322).

A cruz revela a expressão máxima de amor, da auto-entrega pessoal de Jesus. “A cruz diz que a ternura pode realizar-se somente como compromisso existencial de si em resposta ao projeto de Deus, como entrega por amor que se é” (ROCCHETTA, 2002, p. 291). É um amor que exige renúncia e comprometimento com o outro, com a humanidade que sofre. Além disso, a teologia da cruz é inseparável da teologia da ressurreição, pois, o ápice do crucificado é o evento da ressurreição.

“Subsiste uma profunda correspondência entre o morrer e o viver de Jesus; uma correspondência que se reproduz no renascimento dos batizados (Rm 5-6) e em todo seu ser (2Cor 5,14-15)” (ROCCHETTA, 2002, p. 295). Desta forma, a crucificação e glória de Jesus não representam dois polos a serem compreendidos ou escolhidos pelos crentes, pois é um único acontecimento, que compõe a totalidade da vida de Jesus.

Para tanto, “a glorificação do Ressuscitado no céu não deve compreender-se como um subtrair-se de Cristo ao mundo, mas como um começar a estar presente nele em outro modo, como princípio de recapitulação de tudo ao Pai no Espírito” (ROCCHETTA, 2002, p. 325). A ressurreição de Jesus, não ausenta sua atuação na história, ao contrário, por meio de seu Espírito, a humanidade é assistida pela graça de Deus-trindade e pode vivenciar o amor-ternura plenamente.

2.4. Síntese Compreensiva

Por meio do que foi apresentado, pode-se inferir que a ternura é um aspecto fundante na vida do homem, pois, sua percepção é via de acesso para apreensão da experiência humana e divina. A humanidade é dotada de amor e tem o dom para amar, para construir relações conviviais, que geram vida. Neste sentido, o amor-terno “conduz o ser humano a fazer uma escolha de vida e a responsabilizar-se pela história que produz por meio do diálogo e do encontro junto aos outros, em todas as suas necessidades, independente do lugar cultural” (FRETTO; SOUZA, 2019, p. 81).

Assim, é possível compreender que os fundamentos bíblicos, além de revelarem a profunda relação do Povo de Deus com o Senhor, são uma vivência concreta do amor e da misericórdia, já que a Palavra de Deus antes de ser Palavra escrita é Palavra viva. Jesus, a Palavra Deus é a novidade, a Boa- Nova do Pai que apresenta o amor agápico. Sendo assim, “o conceito de amor, em perspectiva agápica, supera de qualquer maneira seja a ideia platônica de um amor idealizado ou abstrato, seja a ideia epicúrea de um amor unicamente físico ou material” (ROCCHETTA, 2002, p. 135).

Por conseguinte, a teologia da ternura sistematiza e aprofunda tal compreensão, dando razões a fé do crente (1Pd 3, 15), mergulhando nos mistérios de Deus. “A teologia da ternura nos prepara para observar a imagem transcendente de um Deus Ternura que se abaixa e se curva sobre suas criaturas, deixando-se comover pela debilidade e fragilidade humana” (FRETTO; SOUZA, 2019, p. 81). Sendo assim, é possível reflexionar sobre a pessoa de Jesus e seu amor, sem criar uma imagem falsa e intimista de Deus, na qual sua pessoa é o fundamento e modela da fé dos crentes.

Portanto, através da compreensão antropológica, dos fundamentos bíblicos e teológicos foi possível refletir sobre os princípios fundamentais do amor terno. Deste modo, com os pressupostos necessários, será possível compreender como o amor-ternura impulsiona uma práxis na vida do homem. Assim, no próximo capítulo será possível adentrar na incidência da ternura na vida dos crentes e na comunidade eclesial, tendo como ponto de partida uma reflexão da fé, pois, “a relação com Deus é, para o crente, o fundamento e o coração de toda outra relação” (ROCCHETTA, 2002, p. 42).

3. TERNURA: UM CAMINHO ESPIRITUAL

A ternura é o caminho que o Papa Francisco utiliza para construir um mundo mais fraterno, consciente. É um olhar sobre a indiferença presente no mundo atual, tendo como ponto de partida o amor-doação. Assim, o amor que se concretiza na encarnação do Verbo de Deus é um instrumento para vencer a indiferença, a desumanidade. Sendo assim, a ternura nos revela um Deus que é misericordioso e bondoso, não um Deus do medo e da repressão.

A verificação teológica da ternura traz consigo notáveis implicações de ordem eclesiológica. Não é possível falar de ternura sem questionar-nos como Igreja e como indivíduos, em caminho com os mais humildes. A teologia da ternura supõe, de fato, a práxis da ternura e coloca em crise toda uma maneira de ser cristãos que permanece na superfície ou se contenta com um cristianismo medíocre, sem estímulo nem entusiasmo (ROCCHETTA, 2002, p.17).

Para Rocchetta, a vivência do amor é um conceito que interpela uma mudança no seio da Igreja, pois desenvolver sobre ternura significa interpelar-se por construir um mundo mais fraterno, pautado nas exigências do amor cristão (2002, p. 331). Além disso, em uma mudança na forma de ser Igreja, de colocar-se no mundo, de atuar no mundo. Viver a ternura pressupõe um novo modo de ser Igreja, de desejar estar com o outro, olhando com compaixão.

No capítulo anterior, foi explanado os pontos fundamentais da ternura. No entanto, ainda é necessário adentrar nas implicações do amor terno de Deus, de como a teologia da ternura implica no modo de ser Igreja, pois, “fora da vivência da ternura é real o risco de não ser capaz de exprimir uma adequada inteligência da mensagem evangélica da caridade” (ROCCHETTA, 2002, p.16).

Teologia e ternura parecem duas palavras distantes: a primeira aparenta evocar o âmbito acadêmico, a segunda as relações interpessoais. Na realidade a nossa fé une-as indissolavelmente. Com efeito, a teologia não pode ser abstrata — se fosse abstrata seria ideologia — porque nasce de um conhecimento existencial, nasce do encontro com o Verbo feito carne! Por isso, a teologia está chamada a comunicar que Deus amor é concreto. E ternura é um bom “existencial concreto”, para traduzir para os nossos tempos o afeto que o Senhor sente por nós (FRANCISCO, 2018).

Deste modo, antes de desenvolver sobre a teologia da ternura no papado de Francisco, este capítulo irá deter-se em três partes: (I) A Igreja da Cruz, para compreender como o amor terno de Deus é ponto de partida no modo de ser Igreja; (II) A ternura como espiritualidade, como caminho possível de vida; (III) A opção

preferencial pelos últimos, pelos crucificados, para assim compreender como o sentimento de ternura se encarna na realidade.

3.1 A Compaixão de Jesus na Cruz

A Igreja nasce do lado aberto de Jesus, do seu amor redentor, de sua vontade salvífica. “A Igreja nasce misticamente do lado aberto de Cristo na cruz, ao passo que, em sua empiricidade histórica, ela começa a existir quando os primeiros fiéis se reúnem em torno do anúncio apostólico da ressurreição de Cristo” (DIANICH; NOCETI, 2007, p.256). Assim, a comunidade dos fiéis tem a missão de anunciar o amor sem limites do Senhor, sua compaixão-ressurreição.

A Igreja tem sua origem e fundamento em Jesus, “[...] a igreja nasce do sacrifício de Cristo, que é a expressão máxima do amor do Filho para com o Pai, é preciso dizer que ela surge da intimidade da relação trinitária” (DIANICH; NOCETI, 2007, p.233). A Ternura da Cruz, deste modo, é elemento fundamental no anúncio, pois testemunha e anuncia o amor benevolente de Cristo pela humanidade. A cruz é o grande sinal do amor do Filho pela humanidade, um gesto livre e gratuito.

Encontrando-se com as multidões, anunciando o Evangelho, curando os doentes, aproximando-se dos últimos, perdoando os pecadores, Jesus torna visível um amor aberto a todos: sem excluir ninguém! Aberto a todos sem confins. Um amor puro, gratuito e absoluto. Um amor que alcança o seu ápice no Sacrifício da cruz. Sim, o Evangelho é deveras o «Evangelho da Misericórdia», porque Jesus é a Misericórdia! (FRANCISCO, 2016).

A cruz nos revela que a ternura de Deus é infinita, que a entrega de Jesus comunica o profundo amor da trindade pela humanidade, pois, “Deus não existe e não pode existir senão como Amor” (ROCCHETTA, 2002, p. 310). Sendo assim, a morte radical de Jesus na cruz revela seu amor terno, cheio de compaixão e cuidado para com os homens. Portanto, “na humanidade e na liberdade de sua entrega final na cruz, Jesus não deixa de manifestar o seu Espírito de ternura” (CARMO; CALIL, 2023, p. 183).

O movente da entrega de cruz é um só: o amor de benevolência, a ternura de Deus-Trindade como dileção. Não existe outra causa que possa dar razão ao evento da morte de Jesus senão a loucura de um amor cuja medida é amar sem medida e cuja natureza é absoluto dom, absoluta acolhida, absoluta partilha amante. Tal é a entrega do Filho ao Pai no Espírito: um gesto totalmente livre e gratuito, vivido como oblação terníssima de si (ROCCHETTA, 2002, p.301).

A entrega de Jesus de Nazaré não é um amor ao sofrimento ou um culto dos crentes no ato cruento de tal morte, mas é a compreensão do sentido que brota de tal

entrega, pois, “Ele fez-se próximo aos últimos, comunicando-lhes a misericórdia de Deus que é perdão, alegria e vida nova. Jesus, o Filho enviado pelo Pai, é realmente o início do tempo da misericórdia para toda a humanidade!” (FRANCISCO, 2016).

Essa é a ternura inalcançável de Jesus: não simplesmente um gesto isolado (ternura-como-ter), mas um evento que condensa toda sua vivência (ternura-como-ser), revelando como a cruz continha o futuro da história e como o futuro da história era endereçado a realizar-se como história de ternura¹³ (ROCCHETTA, 2002, p. 302).

Assim, a Igreja, povo de Deus, é a comunidade dos crentes que se reúnem em torno do mistério Pascal de Jesus, e tem a missão de anunciar a alegria redentora que surge do amor incondicional de Jesus, de sua vida, morte e ressurreição. Por conseguinte, “a Igreja é o ‘sacramento’ vivo desta ternura de cruz, para testemunhar como profecia capaz de construir a história na verdade, e para desdobrar-se no coração dos crentes e da humanidade como ‘anima mundi’ (ROCCHETTA, 2002, p. 299).

3.1.1 A Igreja da Ternura

A teologia da cruz está ligada com a Igreja da cruz, pois, uma Igreja que brota da cruz do Senhor é guiada por seu Espírito, é evangelho vivo de sua ternura. De fato, “uma Igreja sem ternura seria uma Igreja sem coração; e uma Igreja sem coração seria uma Igreja distante da cruz de Cristo” (ROCCHETTA, 2002, p. 331). A vocação da *Ekklesía*, da comunidade reunida em torno de Cristo é ser sacramento da ternura de Deus.

A Igreja que emana da cruz é uma “Igreja da ternura”, e somente como tal é capaz de aproximar-se de todo homem com a ternura mesma de Deus e ser dela seu sinal crível. A mesma graça derramada em nós com o batismo se constitui como “dom de ternura” irradiado pelo Espírito em nossos corações, para que saibamos testemunhar a novidade da benevolência salvífica revelada por Deus no rosto de seu Unigênito (ROCCHETTA, 2002, p. 331).

A ternura é oferecida a comunidade como um dom, como força vivificadora para a vivência do Evangelho. Pois, nascidos da cruz os batizados se colocam aos pés da cruz, vão ao encontro de seus irmãos para anunciar o Cristo Ressuscitado, seu amor terno à humanidade. “Nascidos da cruz, os batizados não podem senão colocar-se aos seus pés, recusando todo mecanismo de glória e de poder que contradiria a escolha de seu Mestre e Senhor (Jo 13,13-14)” (ROCCHETTA, 2002, p. 332).

A Igreja da cruz reverbera que a vocação da Igreja é “ser totalmente para os outros” (Jo 13, 1-17), uma comunidade alicerçada no amor radical, no amor trinitário.

“A ternura se oferece a nós como um dom de ordem teologal, capaz de transfigurar a ternura natural, fazendo-a partícipe à pericórese da eterna ternura trinitária, e uma tarefa ética na concretude de nossa vida em resposta ao mandamento novo do amor” (ROCCHETTA, 2002, p. 331).

Os batizados devem ser anunciadores do amor de Jesus, viver a radicalidade do evangelho, optar pelos últimos, assim como Jesus o fez: “O Espírito do Senhor está sobre mim, porque ele me consagrou pela unção para evangelizar os pobres; enviou-me para proclamar a libertação aos presos e aos cegos a recuperação da vista, para restituir a liberdade aos oprimidos e para proclamar um ano da graça do Senhor” (Lc 4,18-19).

Este Deus misericordioso é fiel na sua misericórdia e São Paulo diz algo muito bonito: ainda que tu não lhe sejas fiel, contudo Ele permanecer-te-á fiel, porque não pode renegar-se a si mesmo. A fidelidade na misericórdia é precisamente o ser de Deus. E por isso Deus é totalmente e sempre confiável. A sua presença é firme e estável. Eis em que consiste a certeza da nossa fé (FRANCISCO, 2016).

As cartas Paulinas também relatam a preferência do Senhor pelos pobres, seu desejo de libertação pelos esquecidos: “com efeito, conheceis a graça de nosso Senhor Jesus Cristo: embora fosse rico, se fez pobre por vós, para que vos enriqueçais por meio de sua pobreza” (2 Cor 8,9). Essa é a vocação da Igreja da ternura, fazer-se pobre com os pobres, para assim lhes recuperar a dignidade que já lhes é garantida por Cristo.

A Igreja será, portanto, fiel à sua origem somente se permanecer aos pés da cruz. Viver a ternura de Jesus, para ela, não é uma escolha facultativa, mas uma exigência inalienável. O “sub contraria specie” do Crucificado passa à Igreja como escolha de vida, tendente a confundir a arrogância dos incrédulos e a revelar-se aos puros de coração (ROCCHETTA, 2002, p. 337).

A Igreja deve ser fiel aos ensinamentos de Jesus, pois, “aos pés da cruz e no dom do Espírito, a Igreja se modela como Igreja da ternura e da ‘sabedoria do amor’” (ROCCHETTA, 2002, p. 339). A Igreja formada por homens e mulheres que aderem a fé necessita interpelar-se por este caminho de compaixão. Deste modo, é necessário construir a partir de si uma Igreja da fé e do amor, da esperança, de uma vivência práxis dá fé em Cristo ressuscitado.

O Senhor é «misericordioso»: este vocábulo evoca uma atitude de ternura, como a de uma mãe pelo seu filho. Com efeito, o termo hebraico usado pela Bíblia leva a pensar nas vísceras, ou então no ventre materno. Por isso, a imagem que sugere é a de um Deus que se comove e sente ternura por nós, como uma mãe quando pega o seu filho ao colo, unicamente desejosa de amar, proteger e ajudar, pronta a doar tudo, até a si mesma. Esta é a imagem que este termo sugere. Portanto, um amor que se pode definir, no bom sentido, «visceral» (FRANCISCO, 2016).

A Igreja de Jesus é uma comunidade que se alimenta da Palavra e não tem medo de ir ao encontro do outro, de crescer com seus dons, de sentir suas mazelas e realizar um caminho de vida. A Igreja de Jesus Cristo é a Igreja que se compadece, pois, “a Igreja da ternura é a Igreja da palavra que salva, [...] uma Igreja que sabe colher os germes de bem contidos no coração de todo homem e no seio da história e os valoriza, sem deixar-se guiar por lógicas de suspeita ou de condenação” (ROCCHETTA, 2002, p. 340).

Uma coisa é anunciar a mensagem que salva, como tarefa recebida do Crucificado, outra é impô-la ou usá-la como arma de domínio ou de luta. O Senhor da páscoa é o testemunho da verdade que se faz amor crucificado e que, precisamente por esta via, se desvela ao mundo como “sacramento” da Trindade que salva (ROCCHETTA, 2002, p. 344).

Desta forma, a Igreja da ternura é uma Igreja pobre, que não abandona a cruz de Jesus, que não é conveniente com a opressão e com a injustiça. Ao contrário, a Igreja da ternura não tem medo de anunciar Jesus aonde o mundo mais necessita. É uma Igreja “capaz de serviço gratuito conforme o modelo de seu Senhor, e não uma Igreja rica, guiada pelas lógicas do mundo e de seus poderosos” (ROCCHETTA, 2002, p. 340). Sendo assim, o caminho da Igreja é o caminho da misericórdia e da integração, do cuidado.

A “Igreja da ternura” é a Igreja da escolha preferencial dos “últimos”, daqueles que são marginalizados, rejeitados, na miséria ou na pobreza material e espiritual; uma Igreja, conseqüentemente, da acolhida, capaz de fazer-se espaço, como o “coração aberto” de Jesus na cruz, onde cada um possa sentir-se em sua casa e experimentar ser amado por Deus (ROCCHETTA, 2002, p. 341).

A comunidade dos crentes “não quer saber outra coisa senão Jesus Cristo, e este crucificado” (1Cor 2,2), de propagar pelo mundo a Boa-Nova de Jesus. O caminho que os discípulos de Jesus devem percorrer é o caminho do mistério pascal. É a libertação dos oprimidos (Gl 5,1), pois os seguidores de Jesus devem ser reconhecidos pela vivência do amor: “Disto reconhecerão todos que sois meus discípulos: se vos amais uns aos outros” (Jo 13,35).

A ternura está em íntima relação com a compaixão e a misericórdia. Quando estamos diante do outro, é graças à ternura que fazemos a experiência da compaixão e da misericórdia e, conseqüentemente, do sentimento autêntico de dor partilhada, que suscita o desejo sincero de aliviar o seu sofrimento. Se a compaixão e a misericórdia constituem uma resposta ética àquele que sofre, é a ternura que leva a inclinar-se compassiva e misericordiosamente diante de quem sofre (ZACHARIAS, 2023, p. 219).

A ternura nos permite ir ao encontro do outro, reconhecer sua fragilidade e cuidar da vida que se está diante (Lc 10, 33-34), é a força de Deus que age no homem. “A ternura é a fonte de toda reciprocidade, a ponto de podermos afirmar que, sem ternura, nem o amor é suficiente para nos salvar” (ZACHARIAS, 2023, p. 220). A Igreja da ternura, portanto, não tem medo reconhecer suas fraquezas ou de cuidar das fraquezas de seus irmãos, pois, “a ternura é a força do amor humilde” (ROCCHETTA, 2002, p. 45).

3.1.2 O *Aggiornamento* na Vida dos Cristãos

O Apóstolo Paulo em sua carta aos Gálatas exorta a “viver segundo o Espírito” (Gl 5, 22). O Espírito liberta, possibilita uma nova forma de viver, pois, “Cristo nos libertou para que sejamos livres; fiquem firmes, portanto, e não vos submetais de novo ao jugo da escravidão” (Gl 5,1). É o Espírito que age no coração do batizado e o renova, transforma seu coração e o conduz na vivência do amor terno de Deus.

A ternura atua como acolhida agradecida da graça para tornar-se capaz de ser acolhimento, abrindo-se ao dom recebido e rendendo-se disponível para ser amado no Filho, o eterno Amado do Pai. A ternura constringe a sair fora da solidão para encontrar a alteridade como um dom, com coração aberto, e estabelecer com essa uma relação paritária, de troca e reciprocidade (ROCCHETTA, 2002, p. 356).

A ternura irrompe agir com amor, permitindo amar e ser amado, sem medo de se ferir. Ademais, “o Espírito, que habita no batizado como em um templo, impele para estas metas: o doar se opõe ao egoísmo, o acolher ao orgulho, a partilha à divisão” (ROCCHETTA, 2002, p. 357). Assim, possibilita ao homem estar diante do “Tu” e reconhecer sua singularidade, olhar com compaixão mesmo com a possibilidade de se ferir ao deixar ser tocado pelo “Outro”.

E por isso, o amor de Deus e do próximo é o primeiro e maior de todos os mandamentos. Mas a Sagrada Escritura ensina-nos que o amor de Deus não se pode separar do amor do próximo, «...todos os outros mandamentos se resumem neste: amarás o próximo como a ti mesmo... A caridade é, pois, a lei na sua plenitude» (Rom. 13, 9-10; cfr. 1 Jo. 4,20). Isto revela-se como sendo da maior importância, hoje que os homens se tornam cada dia mais dependentes uns dos outros e o mundo se unifica cada vez mais (Gaudium et Spes[=GS], n. 24).

Sendo assim, a ternura reverbera no coração da Igreja, nos seguidores de Jesus o espírito de partilha, de doação e acolhimento. “A ternura é acolhimento na medida mesma em que se é capaz de gerar amor naqueles a quem se dirige, realizando uma reciprocidade virtuosa de doação acolhedora e de acolhida donante”

(ROCCHETTA, 2002, p. 356). Deste modo, o amor-ternura produz frutos entre o “Eu e o Tu”, em uma relação paritária.

A ternura se manifesta quando saímos de nós mesmos, abrimo-nos ao outro, participamos da sua vida e nos deixamos tocar pela sua história. A ternura é o afeto que exige descentramento de si e, portanto, capacidade de compreender o outro, de colocar-se no seu lugar (ZACHARIAS, 2023, p. 218).

Por conseguinte, a ternura provoca um caminho de conversão e de comunhão. Deixar-se tocar por Cristo e seu evangelho é viver como “nova criatura” (2Cor 5, 17), o que reflete diretamente na identidade da Igreja, pois, a Igreja do Senhor é composta por homens e mulheres que desejam fazer um caminho de vida com Cristo. Desta forma, “nada, no anúncio do evangelho, autoriza a violência, nem mesmo em nome da verdade e de sua defesa” (ROCCHETTA, 2002, p. 344).

Esta Igreja é consciente da própria identidade de “sacramento da páscoa” e precisamente por esta razão não aceita comprometer a missão que o Ressuscitado lhe confiara em troca de supostas afirmações de si ou de seus membros ou em ordem a restaurações que a fariam sentir provavelmente mais segura, mas que acabariam por tornar-se um obstáculo para a profecia do Reino, velando o verdadeiro rosto do Cristo (ROCCHETTA, 2002, p. 345).

Além disso, é um ímpeto crer que os batizados são um grupo fechado em si, pois, “ao nos abirmos ao conhecimento do outro, a ternura nos permite reconhecê-lo como alguém necessitado de ajuda, pelo simples fato de ser frágil, suscetível de ser ferido, e, por isso, não tolera a atitude de indiferença diante dele” (ZACHARIAS, 2023, p. 219). Portanto, a ternura age no coração da Igreja e de cada batizado provocando uma mudança em seu ser, em sua forma de agir e de pensar.

A Igreja de Jesus é a Igreja que não deixa de lado a verdade do evangelho de Jesus e por isso não abandona a humanidade em suas lutas. Por conseguinte, a revolução que a ternura provoca no ser da Igreja e dos cristãos deve ser compreendida também no primado da caridade, do amor ágape, pois, “a caridade é principalmente o dom da vida de Deus em nós, a graça que transforma o homem, fazendo-o tornar-se nova criatura” (ROCCHETTA, 2002, p. 363).

O querer bem ao outro não está sujeito ao fato de ele ser bom. Essa é a característica do amor-agape revelado como essência do amor divino: amor desinteressado, incondicional e doado por graça. Amor que “contempla” o outro como um fim em si mesmo, que aprecia a “sacralidade” da sua pessoa, que procura e afirma o seu bem mesmo quando não há “merecimento” algum, que suporta o insuportável, que espera mais amar do que ser amado (ZACHARIAS, 2023, p. 221)

Para tanto, o modelo de ternura do cristão é o próprio Jesus que se encarnou. “Basta olharmos para o modo de agir de Deus com relação a nós: ele se revelou, desde o início da criação, como um Deus terno, compassivo e misericordioso,

afetivamente ligado a seu povo e, por isso, envolvido com a sua história;” (ZACHARIAS, 2023, p. 220). Assim, é preciso olhar para Jesus e viver seus ensinamentos, anunciar ao mundo o seu mistério profundo de amor e redenção.

3.2. A Ternura Como Caminho de Vida

A ternura orienta o rosto que a Igreja deve assumir no mundo: a misericórdia e compaixão de Jesus. O modo de ser e viver terno da Igreja propicia a evangelização em qualquer circunstância, lhe confere credibilidade e autenticidade no anúncio do querigma. Sendo assim, a ternura possui um caráter ontológico (ROCCHETTA, 2022, p. 31) e ao mesmo tempo empírico, pois, revela que o ser cristão no mundo é pautado por uma espiritualidade encarnada, cheia de compaixão.

O Cristo que “amou a Igreja e se entregou por ela” (Ef 5,25) a estabeleceu, com seu gesto, em uma identidade irrevocável. A pró-existência de Jesus Cristo, seu ser para os outros até à cruz, se faz forma de vida e norma normativa da pró-existência da comunidade dos crentes. A caridade do Crucificado permanece o conteúdo essencial do ser e do agir dos discípulos do Mestre, segundo o convite: “Caminhai na caridade, assim como Cristo vos amou e se entregou por vós” (Ef 5,2.25; cf. Rm 5,6.8; 8,32; 2Cor 5,14-15) (ROCCHETTA, 2002, p. 348).

Cristo é o referencial de cada batizado, é o caminho espiritual a ser percorrido: “Eu sou o caminho, a verdade e a Vida” (Jo14, 6). Jesus é ao mesmo tempo modelo e caminho a ser seguido. “O cristão, tornado conforme à imagem do Filho que é o primogênito entre a multidão dos irmãos, recebe ‘as primícias do Espírito’ (Rm 8,23), que o tornam capaz de cumprir a lei nova do amor” (GS, n. 22).

Haja vista que o mesmo espírito que age em Jesus atua na comunidade reunida, nos cristãos. É o espírito o orientador, “ele é o dom do amor-ternura, ou o próprio amor-ternura como dom, derramado em nossos corações (Gl 4,6)” (CARMO; CALIL, 2023, p. 171). É o espírito que age na vida de cada batizado, daqueles que se deixam ser guiados pelo Espírito de Deus. O espírito é o que sustêm cada cristão, o qual lhe confere vigor e plenifica a vivência do amor entre os irmãos e irmãs.

Ela [espiritualidade] se deriva de espírito. Espírito não é uma parte do ser humano. É aquele momento de nossa consciência pessoal que nos permite sentirmo-nos parte e parcela de um Todo que nos ultrapassa por todos os lados: o universo das coisas, das energias, das pessoas, das produções histórico-sociais e culturais (BOFF, 2006, p. 23).

Espiritualidade não se resume a um estilo de vida, mas é um fruto do espírito. Somente o espírito pode provocar uma mudança no ser de cada homem e mulher, em

uma escolha vivencial da ternura. A presença do espírito é fonte para missão, para testemunhar a ternura de Deus. “A promessa (pro-missio de pro-mittere) do dom do Espírito feita por Cristo, a partir de pentecostes, se faz dom e o dom missiopro, ‘missão para’, envio para o testemunho vivo da ternura de Deus no mundo” (ROCCHETTA, 2002, p. 348).

3.2.1 Ter e Ser Ternura

O ser humano ao ser criado imagem e semelhança de seu Criador possui abertura ao Infinito, a transcendência. Desta forma, o evento culminante da manifestação de ternura e abertura ao Infinito é a vinda do Filho de Deus. Por conseguinte, “nessa dimensão de transcendência é que se esconde o segredo mais profundo da ternura; e é no seu interior que se coloca o anúncio feliz do evento da ternura divina manifestada na vinda do Unigênito de Deus” (ROCCHETTA, 2002, p. 65).

A encarnação do Unigênito do Pai em Jesus de Nazaré e sua morte de cruz constituem a proclamação absoluta e incondicionada de onde pode alcançar o agápe de Deus e sua proximidade à humanidade. A razão de eventos tão inauditos é, mais uma vez, a ternura do Senhor e a fidelidade às suas promessas: a charis como gesto absolutamente gratuito de Deus que vem ao encontro do homem e o salva (ROCCHETTA, 2002, p. 353).

A ternura é dom de Deus, manifestação de sua bondade, pois, “Ele ama-nos incondicionalmente, e quando aceitamos este amor divino, então podemos responder de forma semelhante” (FRANCISCO, 2020). Deste modo, a salvação vem ao homem como dom e graça, no qual o ser humano é chamado a viver um caminho de transcendência, sem deixar de viver a imanência de sua vida. Assim, “o evento de Jesus de Nazaré constitui a máxima expressão da ternura como salvação e dom de graça, capaz de cumprir a orientação transcendente da criatura humana” (ROCCHETTA, 2002, p. 66).

A subida do homem para o alto, graças a este evento, se encontra com a descida de Deus ao mundo; um evento que não só manifesta Deus ao homem, mas o homem ao homem, e Ihe revela o sentido último da história e de sua vocação (GS, n. 22), e Ihe brinda a ternura, aquela verdadeira, que conduz à alegria do amor perfeito (ROCCHETTA, 2002, p. 65).

Assim, o amor é um elemento presente no homem e ao mesmo tempo um caminho que deve ser alcançado, refere-se ao mistério da existência do ser humano. “Em sua modalidade mais profunda, a ternura está ligada a um estilo de vida, o que faz dela não só uma escolha para circunstâncias precisas, mas, sobretudo, um modo

de existir, de agir, de olhar, de falar, de ser, de se posicionar no mundo²⁵ (CARMO; CALIL, 2023, p. 180). Escolher a via da ternura como opção de vida, como um paradigma existencial exige convicção, abertura a realidade do outro.

O caminho da ternura começa quando uma pessoa se dispõe a fazer-se terna consigo mesma - e não condescendente e relapsa; quando toma a termo a tarefa de aceitar-se a si mesma com seus próprios limites²³ para redundar na humildade de aceitar os outros por aquilo que são, com bondade de coração e generosidade, fazendo-se terna para com eles²⁴ (CARMO; CALIL, 2023, p. 180).

A única forma de ter ternura é ser ternura, pois, no primeiro momento “ter” remete-se a possuir, a conquistar as coisas, a dominar as pessoas. Ao passo que o amor terno e misericordioso se refere à alteridade, a simples gratuidade: ter, simplesmente para viver a ternura. Deste modo, “a ternura é também uma modalidade do ser. Daí, pode-se falar de um ser-ter-nura, ao invés de ter-ternura, pois a ternura diz respeito a um aspecto da própria subjetivação” (CARMO; CALIL, 2023, p. 180).

O verbo “ser”, antes do que uma atitude de possessão, exprime a experiência vital do “eu” (eu sou) em diálogo com o outro (sou contigo/ para ti), e supõe uma atitude fundamentalmente altruísta (eu tenho para dar). A modalidade existencial do ser remete à ordem da qualidade mais do que à da quantidade (qualidade de vida, qualidade das relações consigo mesmo, com o/s outro/s e com o Totalmente-Outro) e implica - segundo E. Fromm - três traços fundamentais: ser ativos, ser na realidade, vontade de partilha e de sacrificar-se¹⁰ (ROCCHETTA, 2002, p. 72).

Em cada pessoa há, portanto, os sentimentos de ter e de ser terno, o primeiro se refere ao egocentrismo o segundo ao altruísmo. É um paradoxo aparentemente, mas ter ternura, é essencial para vivê-la, no entanto, não pode ser reduzida ao ter, porque se reduziria a aspectos passageiros e exteriores. Assim, em tal caminho de vida, “abrir-se à modalidade da ternura como ser, significa ao contrário, orientar-se a um estilo de vida permanente, em uma atenção respeitosa da vivência do outro e em uma dimensão de serviço e de relação amical com tudo e todos” (ROCCHETTA, 2002, p. 73).

Os corajosos são aqueles para os quais a ternura existe como um acontecimento e um dom, que deve ser procurada como uma promessa e um cume a conquistar. Para eles viver é abrir-se à vida, aprendendo a amar e a ser amados, em um caminho de crescimento e de desenvolvimento, às vezes cansativo, mas sempre excitante e rico de descobertas, como uma aventura fascinante. A existência humana, para esta categoria de pessoas, é uma vocação em direção a um-a-mais. A ternura não é uma experiência momentânea, situada detrás de nós ou no átimo fugaz, mas é o fruto e a recompensa de um itinerário de subida, para cima, em direção à plenitude, abertos ao Senhor da vida e do amor (ROCCHETTA, 2002, p. 62).

O ser ternura deve orientar o ter ternura para formar um novo estilo de vida, uma práxis que brota de um sentimento interno. Cada homem e mulher deve escolher

em sua liberdade viver o amor em seu coração, pois, “a riqueza de seu ser não está simplesmente naquilo que se é, mas naquilo que se é capaz de ser” (ROCCHETTA, 2002, p. 97). Sendo assim, pode-se afirmar que a ternura é mais que um dom pronto e acabado, é um caminho com um ponto de chegada, pois, sua efetivação depende de sua realização.

3.2.2 A Espiritualidade no Seguimento de Jesus

A espiritualidade da ternura tem seu núcleo no próprio Jesus, no seu amor pela humanidade. “A força do amor e o próprio amor como dom, a disposição de ser-para-o-outro, caracterizam a personalidade do Espírito e tomam rosto na quênose do próprio Filho” (CARMO; CALIL, 2023, p. 184). Deste modo, a espiritualidade evoca uma mudança de coração, uma conversão no modo de ser e de agir para consigo mesmo e com os outros tendo como fundamento Jesus de Nazaré.

“Ternura é cuidado em ação; não é sentimentalismo barato, não é afetuosidade vazia, mas é corporeidade que se estende para fora dos contornos da própria pele, em favor de salvar a pele do outro” (CARMO; CALIL, 2023, p. 185). A espiritualidade terna é um movimento *ad intra*, na qual cada homem e mulher se deixa guiar pelo Espírito e transforma seu próprio coração. Tal mudança orienta a um movimento *ad extra*, pois impulsiona ir ao cuidado do outro e com o outro.

Ad intra, supõe que o coração se faça disponível à escuta contemplativa da palavra de Deus. Trata-se, em outras palavras, de recuperar no dia-a-dia da vida a idéia monástica da “cela interior”, onde se protege o espaço essencial para o encontro de Deus conosco e de nós com Deus, em uma intimidade sponsal, caracterizada pelo silêncio e pela oração. É dentro desta “cela” que podemos reencontrar a verdade de nosso ser e colocarmo-nos no caminho para realizá-la (ROCCHETTA, 2002, p. 380).

O movimento *ad extra* está ligado profundamente ao movimento *ad intra*, pois, o movimento do coração conduz ao encontro dos outros, ao cuidado e a abertura ao diferente. “O movimento ad intra, conduz, por sua natureza, ao movimento ad extra, ao desejo de abrir-se aos outros, para anunciar quão grande é a ternura de Deus e como é inesgotável sua misericórdia para aqueles que o amam” (ROCCHETTA, 2002, p. 381).

A espiritualidade da ternura se transforma, por consequência lógica, em coração hospitaleiro, amante, aberto a todos, ninguém excluído, capaz de transformar o mesmo inimigo (*hostis*) em hóspede (*hospes*). A hospitalidade é exatamente o contrário da posse, da instrumentalização ou do fazer violência, impondo-se ao outro; essa é receptividade, troca paritária, serviço generoso, liberdade, comunicação, amizade. A hospitalidade não exclui, mas

inclui: se é hospitaleiro quando se acolhe, com pobreza e respeito, se doa e se partilha, com humilde discrição e sinceridade de coração; quando se sai dos clichês estereotipados, da rigidez e dos falsos formalismos, e somos nós mesmos, em plena humanidade. A ternura se manifesta como irradiação e, conjuntamente, via realizadora da hospitalidade (ROCCHETTA, 2002, p. 381).

Assim, “a ternura é ser plenamente homens e mulheres, regenerados pela graça do Ressuscitado” (ROCCHETTA, 2002, p. 382). Pois, deixar-se guiar pelo espírito do Ressuscitado é olhar para os pequenos, tocar nos feridos e cuidar de suas necessidades. É, pois, “uma espiritualidade de dileção que cria amor, à imagem da dileção do coração de Deus, e se ex-põe gerando o ex-sistir do outro/a, sua ‘existência’, sua chamada à vida” (ROCCHETTA, 2002, p. 380).

“‘A vida em abundância’ (Jo 10,10), tão querida por Jesus, é o grande desejo do Espírito de ternura” (CARMO; CALIL, 2023, p. 185). O Espírito da ternura é gerador de vida, é força para aqueles que se encontram desolados, vitalidade para enfrentar os desafios e injustiças causados pela ganância humana. Deste modo, a espiritualidade daqueles que são ternos é o Espírito do Ressuscitado, que passou por todas as intempéries da vida e tem vida em abundância.

A experiência da vitalidade é, sobretudo, luta da vida contra a morte, presentificada nas lutas por libertação e libertação para a vida. O Espírito da vida; ele atua e-terna-mente para gerar libertação, entendida como liberdade com comunhão. O Espírito de ternura desperta as capacidades dormentes, provoca a ultrapassagem dos próprios limites humanos e abre para as possibilidades da vida (CARMO; CALIL, 2023, p. 186).

A vitalidade é a força daqueles que se colocam no caminho de Cristo Jesus. “Ele seduz e provoca experiências consoladoras. Igualmente, na desolação, é o consolador que apoia o claudicante, pois mantém sob cinzas as brasas fumegantes que acendem de novo a chama da vida” (CARMO; CALIL, 2023, p. 185). Cristo é a fonte da vida, é Ele que age em cada ser humano por meio de seu Espírito misericordioso e consolador, espírito que gera vida e vitalidade nas mais diversas circunstâncias.

O Espírito de ternura é o dedo de Deus. Por ele, Deus inscreve sua palavra nos corações humanos, assinala marcas mnemônicas de gratuidade, que refazem, reerguem e consolam o peregrino. O dedo inscreve o amor-ternura como amor-para-o-outro, mas também amor-para-si mesmo: para o que se pode e o que se consegue ser, e para o que se pode fazer com as marcas que a vida foi imprimindo em cada um (CARMO; CALIL, 2023, p. 185).

Assim, a espiritualidade da ternura tem sua origem e fundamento na vida de Jesus de Nazaré, que se fez carne e viveu a condição humana. Viver, portanto, pautado no amor de Cristo é ter a convicção de que “sua realização não é outra coisa

senão o cumprimento do ser em Cristo Jesus inaugurado pelo batismo e enraizado no mistério da inabitação trinitária” (ROCCHETTA, 2002, p. 384). Toda vitalidade dos que se colocam a caminho do Ressuscitado brota da experiência trinitária, do amor trindade.

Não formas de devocionismo vazio, mas a decisão interior ao mistério da graça e, conseqüentemente, à ternura trinitária difusa em nós para deixar-nos transformar por essa à medida do homem novo, Cristo Jesus, na docilidade à ação poderosa do Espírito (ROCCHETTA, 2002, p. 385).

Deste modo, a espiritualidade orienta os seguidores de Cristo, conferindo-lhes uma vida repleta de sentido, numa vivacidade que é fruto do Espírito. “Uma ‘espiritualidade do coração’ que é ao mesmo tempo uma ‘espiritualidade da escuta’ e uma ‘espiritualidade dos olhos’: espiritualidade da escuta de Deus e do homem[...].” (ROCCHETTA, 2002, p. 379). Uma espiritualidade encarnada em Jesus de Nazaré, em sua profunda comunhão com o Pai no Espírito, no seu amor sem limites à humanidade.

3.3. A Opção Preferencial Pelos Últimos

A ternura como amor próximo e concreto influi no agir da Igreja e dos cristãos, exigindo uma escolha, uma opção fundamental no seguimento de Jesus: a opção preferencial pelos últimos, pelos excluídos da sociedade. No amor misericordioso de Deus os cristãos são chamados a ir ao encontro de seus irmãos, a olhar com compaixão (Lc 10, 25-37). Na ternura de Jesus se encontra o modo que os cristãos devem agir no mundo.

“É também em sua ternura que ele realiza suas críticas mordazes aos ricos, aos religiosos hipócritas, aos fariseus e mestres da Lei afeitos a uma religião de aparências, às deteriorações do templo, da Lei, à diminuição da vida” (CARMO; CALIL, 2023, p. 184). Jesus com seu amor-ternura é contra toda forma de opressão e de injustiças que ferem a vida, a liberdade dos filhos de Deus, por isso sua crítica aos fariseus (Mt 23, 1- 39).

É graças ao Espírito de ternura que Jesus tem vigor para enfrentar tudo aquilo que arranca ou diminui a liberdade humana, desdemonizando o mundo. É na ternura que Cristo é forte. É na ternura que sua potência é desdemonizadora e vitoriosa sobre a suposta onipotência de mestres e senhores que escondem, por sob as pompas e circunstâncias de sua religião, o coração duro como pedra. Assim, o Espírito de ternura é memória da Vida. Da vida de

Jesus. E da vida como oposição a tudo aquilo que a diminui em sua dignidade (CARMO; CALIL, 2023, p. 184).

A Igreja como seguidora de Cristo tem a missão de ser continuadora de sua mensagem salvífica. “A salvação da qual a Igreja é ‘sacramento’ deve portanto ser compreendida segundo uma real historicidade de conteúdo” (ROCCHETTA, 2002, p. 471). Assim, a Igreja é chamada a ser instrumento de salvação a todos, a lutar pela dignidade humana, pois, “o Senhor é «compassivo», no sentido que concede a graça, tem compaixão e, na sua grandeza, se debruça sobre quantos são frágeis e pobres, sempre pronto a acolher, compreender e perdoar” (FRANCISCO, 2016).

Deste modo, a comunidade dos fiéis, dos professam sua fé em Cristo Ressuscitado tem a missão de ser servidora da humanidade. O Documento de Aparecida afirma que: “Quantas vezes os pobres e os que sofrem realmente nos evangelizam! No reconhecimento desta presença e proximidade e na defesa dos direitos dos excluídos encontra-se a fidelidade da Igreja a Jesus Cristo¹⁴⁷” (2008, n. 257). Esta é a missão dos seguidores de Jesus, ser um povo servidor, que gera a vida e luta para transformar todas as realidades que exploram e destorem a vida dos homens.

3.3.1 A Igreja, Sacramento de Cristo Ressuscitado

A Igreja tem a missão de ser sacramento de Cristo para humanidade, ser instrumento de salvação. Portanto, “se a libertação de Cristo, de fato, é antes de tudo libertação do pecado, essa é ao mesmo tempo libertação de todos os desequilíbrios que são derivados do pecado mesmo (GS, n. 10)” (ROCCHETTA, 2002, p. 473). Assim, a Igreja e todos os cristãos são chamados a viver e anunciar a ternura de Cristo aonde o homem é ameaçado como filho de Deus.

A salvação de Cristo é total e totalizante: concerne a todo o homem e a todos os homens. O evangelho não é simplesmente o convite a salvar a alma, mas a proclamação de que o Ressuscitado é o primogênito de uma nova humanidade. Oferecendo-se como libertação da raiz do mal, o pecado, e de suas conseqüências, a salvação de Cristo leva à perfeição a salvação humana: é salvação da massificação, da violência, da eliminação do homem, do ódio e de tudo aquilo que é contrário à realização de um autêntico desenvolvimento social (ROCCHETTA, 2002, p. 473).

A Igreja deve ser fiel aos ensinamentos de Jesus, ser uma comunidade que viva a comunhão, anuncie a Palavra, promova o homem, anuncie Cristo Ressuscitado. Desta forma, “participar da transformação do mundo não é, portanto, para a Igreja,

uma escolha facultativa ou um ato instrumental em vista da pregação do evangelho; manifesta uma vocação que a comunidade eclesial recebeu do seu Senhor” (ROCCHETTA, 2002, p. 473).

A Igreja é chamada a fazer como Jesus, passar pelo mundo fazendo o bem (At 10,38), tocando nas feridas da humanidade e curando-as, sendo solidária na dor, nas enfermidades encontradas. “É precisamente em razão desta vocação que a Igreja é chamada a agir para a libertação de tudo aquilo que é contrário à dignidade humana e contribuir com todos para uma distribuição dos bens da terra mais justa e solidária” (ROCCHETTA, 2002, p. 473).

Quando, como Jesus, pudermos e soubermos vencer as distâncias, tocar a dor do outro e curá-lo, pelo fato de termo-nos deixado tocar por essa dor, iniciaremos o caminho da recuperação da nossa humanidade. Esta talvez seja uma primeira alternativa importante: a solidariedade terna, aquela que nos mobiliza por dentro, toca as nossas entranhas, reabilita nossa sensibilidade e lança-nos na direção de quem de nós necessita, mas que também nos faz profetas criativos, capazes de anunciar o novo que se avizinha e denunciar o nosso modo doente de habitar o mundo (MILLEN, 2023, p. 30)

Assim, a Igreja vivendo sua vocação estará sendo fiel ao seu Senhor. Ademais, “e se é verdade que a salvação não se identifica com o desenvolvimento terreno, todavia o implica e o conduz à plenitude” (ROCCHETTA, 2002, p. 473). É missão constitutiva da Igreja, da comunidade dos crentes à contribuição com a humanização do mundo. O magistério da Igreja insiste de forma incessante sobre este aspecto na vida da Igreja a serviço da humanidade.

Fundada no amor do Redentor, a Igreja contribui a estender o raio de ação da justiça e do amor ao interno de cada nação e entre todas as nações. Pregando a verdade evangélica e iluminando todos os setores da atividade humana com sua doutrina e com o testemunho dos cristãos, respeita e promove ao mesmo tempo a liberdade política e a responsabilidade dos cidadãos (GS, n. 76).

O cuidado com o outro, a vivência do mandamento do amor (Mt 22, 36-40) é a encarnação dos ensinamentos deixados por Cristo. A concretização do amor perpassa o anúncio da Boa-Nova por atos e palavras. Sendo assim, a promoção humana é inseparável do anúncio da fé. “O princípio fundamental, e que está no centro de toda ética social cristã, é a consideração da dignidade de todo ser humano. Essa dignidade não pode ser negociada, negada ou relegada, por nenhuma razão” (MILLEN, 2023, p. 30).

No Reino de Deus, definitivamente, não há espaço para o domínio ou o exercício da autoridade que os fortes impõem sobre os mais frágeis. Mais ainda, quem acolhe o Reino coloca os mais frágeis no centro da própria vida, até mesmo dentro da própria família (CARMONA, 2023, p.143).

Jesus em seu Evangelho, em seu ministério coloca-se a serviço do anúncio profético, apresenta-se como servo para pregar aos pobres a Boa-Nova: “enviado para anunciar aos pobres a boa notícia, para proclamar aos prisioneiros a libertação, aos cegos à vista; para colocar em liberdade os escravos e pregar um ano de graça do Senhor” (Lc 4,18-19). Deste modo, a comunidade dos fiéis quando opta por ir ao encontro dos excluídos e marginalizados, realiza sua vocação primeira.

Uma Igreja que não colocasse no centro de suas prioridades o cuidado e a atenção privilegiada para com todos aqueles que se encontram em situações desfavoráveis, de sofrimento ou de miséria, seja sob o perfil da existência material seja sob aquele da vida moral ou espiritual, não seria uma Igreja fiel a seu Senhor e Mestre e não testemunharia o éthos novo do evangelho (ROCCHETTA, 2002, p. 463).

Portanto, a forma terna de agir de Jesus reestabelece a dignidade que foi retida aos filhos de Deus nas diversas circunstâncias em que se encontram. Desta forma, pode-se inferir que “precisamos da firmeza da ternura como parte imprescindível de uma resposta profundamente cristã à violência que marca e atravessa nossas famílias, Igreja e sociedade, causando tantas feridas nas comunidades minoritárias” (CARMONA, 2023, p.151).

O que se destaca na vida de Jesus, depois de ter deixado a comunidade de João Batista, é a sua decisão - que Pagola descreve como uma estratégia bem-pensada - de viver no meio de seu povo e servi-lo como homem itinerante, anunciando a Boa Notícia em palavras e ações para todos, e não apenas para os que iam ao Jordão²⁹ (CARMONA, 2023, p.140).

Por meio de Jesus, “de sua ternura encarnada até a morte emana uma esperança que encontra resposta na ressurreição; esperança que se renova a partir do silêncio que as feridas do nosso povo escondem” (CARMONA, 2023, p.147). A opção pelos últimos, revela o agir de Deus na história através de Jesus. Além disso, o amor de Deus também se revela naqueles que dão a continuidade em sua missão, que se deixam guiar por seu espírito, o qual é fonte de ressurreição, de transformação de vida.

3.3.2 A esperança e a Renovação que Brotam do Espírito

“Se o Espírito Santo tem um nome, poderíamos enunciá-lo como dom de Deus¹¹, pois ele explicita a continuidade da ação salvadora de Cristo” (CARMO; CALIL, 2023, p. 171). O Espírito é dom do crucificado-ressuscitado, é a comunicação de Deus no mundo, de sua ação amorosa. Ademais, é a promessa do próprio Senhor

que envia seu Espírito sobre seus discípulos, “rogarei ao Pai e ele vos dará outro Paráclito, para que convosco permaneça para sempre” (Jo 14,16).

Diante de qualquer situação, o amor e a misericórdia são a resposta de Deus diante de seu povo, de toda a humanidade, pois, “a Ternura de Deus tem a última palavra” (CARMONA, 2023, p.147). É palavra que gera a vida, que vence a morte e liberta o homem de toda opressão e forma de violência, que o revigora em sua forma de pensar e de agir. Para tanto, “o Espírito faz a vida resistir à morte e às suas estruturas. Como Espírito consolador, ensina a reelaborar, com seriedade e respeito, as experiências de morte e a investir em experiências de vida (CARMO; CALIL, 2023, p. 173).

O Espírito é espírito da Vida e, como tal, está intrinsecamente ligado às experiências humanas mais vitais, essas que nos impulsionam a continuar vivendo, a persistir contra toda desesperança, a continuar amando contra todo ódio e a resistir sem perder a ternura. O Espírito abre as sendas da vida e o contingente de possibilidades da existência, autorizando cada um a buscar sua própria unicidade, a fazer suas próprias experiências, a abrir portas fechadas pelo medo ou pelas estruturas de morte (CARMO; CALIL, 2023, p. 173).

O Espírito provoca experiências sensíveis que geram vida, longe de abstrações, são fonte de ações concretas na vida do homem. Assim, desatam a dureza do coração, reconduzem a vida aonde se deixou prevalecer atitudes de morte e de opressão, de corrupção e violência. Além disso, “com a fragílima potência do amor, o Espírito promove a construção da boa vida e dissipa a morte e seu aguilhão; ele redescobre a ternura soterrada sob as cinzas da dureza e da ignorância” (CARMO; CALIL, 2023, p. 173).

Este amor não se constitui em primeiro lugar como um fato ético ou uma expressão das possibilidades do homem e de seus méritos; esse traz consigo o dom do Espírito que Jesus promete aos seus no momento mesmo em que faz nascer a nova comunidade. Sua aliança se consuma no Espírito, primeiro prometido e depois enviado. O Espírito que ele comunica da parte do Pai não somente ilumina os discípulos sobre o sentido de seu ministério e, em particular, sobre o significado dos gestos e das palavras da última ceia, mas representa o princípio constitutivo da Igreja como comunidade reunida no seu nome e a fonte vital do ser de todo batizado (ROCCHETTA, 2002, p. 256).

O amor do crucificado-ressuscitado não é desconexo da realidade, antes de tudo é cuidado, é amor-doação com e para a humanidade. Sendo assim, a comunidade dos fiéis é chamada à olhar para a humanidade com amor, a cuidar de seus irmãos. Por conseguinte, deixar-se guiar pelo Espírito de Jesus é ter um coração terno, disposto a amar sem limitações, como o próprio Jesus o fez. “Ele [espírito] afirma a interioridade humana e a predispõe para a relação com o outro. Sem o

Espírito, não é possível criar laços comunitários de ternura e bem-querer” (CARMO; CALIL, 2023, p. 175).

O Espírito faz unidade na pluralidade, como indicam algumas metáforas lucanas e paulinas. Ele integra a liberdade máxima com a entrega total, bem como representa a transformação da matéria, e não sua negação, já que é derramado “sobre a carne” (CARMO; CALIL, 2023, p. 175).

Em contrapartida quando o homem não se deixa guiar pelo Espírito não lhe é possível produzir frutos de comunhão, pois, fecha-se em si mesmo, em seu próprio egoísmo. “Ao extinguir o Espírito, extingue-se o próprio estilo do Deus terno; cultivam-se a indiferença e o ódio, que negam a diversidade em nome de uniformizações” (CARMO; CALIL, 2023, p. 175). Deste modo, a comunidade dos fiéis deve ser dócil ao Espírito, dando testemunho de uma Igreja coerente e fiel ao seu Senhor, em sua escolha preferencial pelos últimos, propiciando um mundo mais justo e fraterno.

3.4. Síntese Compreensiva

A partir do que foi desenvolvido neste capítulo, pode-se compreender o caráter eclesial da ternura, seu papel evocativo para vivência do amor cristão (ROCCHETTA, 2002, p. 331). Além disso, a Igreja, comunidade dos seguidores de Jesus, tem como ponto de partida as próprias ações de seu pastor e mestre. A opção pelos pequenos realizada por Jesus, comunica um modo de ser e de agir, que deve orientar as opções que a Igreja deseja trilhar.

Nesta perspectiva, a espiritualidade da ternura evoca uma mudança interna, que se nutre no próprio Senhor. Deste modo, seus seguidores são chamados a anunciar a Boa Nova, a viver a fraternidade, lutar pela libertação e justiça social. Assim, “ternura é cuidado em ação; não é sentimentalismo barato, não é afetuosidade vazia, mas é corporeidade que se estende para fora dos contornos da própria pele, em favor de salvar a pele do outro” (CARMO; CALIL, 2023, p. 185).

Para tanto, “na perspectiva da fé, a ternura é essencial para podermos viver na esperança do Reino de Deus hoje” (CARMONA, 2023, p.149). Pois, a Igreja orientada por seu Senhor, é chamada a ser sacramento de Cristo para humanidade, instrumento de libertação nas circunstâncias onde o espírito de morte tenta prevalecer sobre a vida. Desta forma, viver o amor terno de Jesus pressupõe um novo modo de ser e viver como Igreja, de colocar-se no mundo e agir com compaixão.

4. UM CAMINHO EVANGÉLICO AUTÊNTICO

A ternura é uma chave de leitura no Pontificado de Francisco, seus gestos e ações são permeados de amor, de expressões compassivas. Desta forma, para compreender de fato o significado e a incidência da ternura em seu magistério será desenvolvido neste capítulo as bases teológicas do Papa e sua aplicação pastoral, pois, “se alguém deu vida à palavra ternura, foi o Papa Francisco: um gigante que se entrega pelos pequenos; um homem que se santifica fazendo-se um com os fracos; que não tem medo das lágrimas nem dos abraços” (FERNANDEZ, 2021, p. 21).

No que consiste a ternura? No amor que se torna próximo e concreto. É um movimento que brota do coração e chega aos olhos, aos ouvidos e às mãos. A ternura consiste em usar os olhos para ver o próximo, em utilizar os ouvidos para ouvir o outro, para prestar ouvidos ao grito dos pequeninos, dos pobres, de quantos têm medo do futuro, para ouvir também o clamor silencioso da nossa casa comum, da terra contaminada e doente. A ternura significa utilizar as mãos e o coração para acariciar o próximo, para cuidar dele (Francisco, 2017).

Francisco em seu magistério evidencia um Deus amoroso, próximo e terno, que se preocupa com a vida de seu povo. Apresenta a ternura de tal forma que supera a desumanidade, um Deus misericordioso que se aproxima das realidades, das periferias existenciais. O amor, portanto, supera a indiferença, o rigorismo que prevalece em níveis eclesiais e que dá vida a teologia, pois, “não é possível falar de ternura sem questionar-nos como Igreja e como indivíduos, em caminho com os mais humildes” (ROCCHETTA, 2002, p.17).

Em seu ministério petrino Francisco é inspirador de um novo estilo eclesial pautado na misericórdia, na compaixão de Deus. Além disso, o Papa não se fecha no âmbito eclesial, mas se dirige a todo o povo, almejando construir não somente uma Igreja da Ternura, mas um mundo mais terno, mais irmão. “A teologia da ternura supõe, de fato, a práxis da ternura e coloca em crise toda uma maneira de ser cristãos que permanece na superfície ou se contenta com um cristianismo medíocre [...]” (ROCCHETTA, 2002, p.17).

Assim, para compreender a teologia da ternura e suas aplicações no Pontificado de Francisco, este capítulo será dividido em três partes: (I) Um estudo sobre o Papa Francisco para compreender sua visão antropológica e teológica; (II) A reflexão teológica do Papa sobre a ternura, para entender o que fundamenta suas

ações como pastor, seu modo de ser Igreja; (III) A aplicação pastoral, a forma como Francisco age para com a Igreja e a Casa Comum.

4.1 A Teologia do Povo

A vida do Papa Francisco, seu caminho e objeto de estudo estão entrelaçados com o ambiente em que viveu, assim, o sentido de estudar o objeto da teologia do Povo² é compreender uma das fontes teológicas do Papa. Por isso, sem dúvida é preciso compreender o papel da teologia como servidora, como fonte de reflexão que deseja “[...] contribuir para fazer ou para deixar ressoar a mensagem evangélica no seu significado universal, traduzindo-a de maneira tão justa quanto possível, em função de um contexto sempre particular de experiência” (SCANNONE, 2019, p. 10).

A Teologia do Povo tem como lugar teológico a realidade do povo, especialmente dos pobres e marginalizados. “A categoria ‘povo’ é ambígua não por causa da sua pobreza, mas por causa da sua riqueza. Com efeito, por um lado, ela pode designar o povo-nação e, por outro lado, as classes populares” (SCANNONE, 2019, p. 26). O povo é compreendido como uma fonte de riqueza teológica, por isso, o clamor dos pobres não é apenas fonte de estudo, mas sinal e caminho de evangelização.

[...] a teologia não poderia ser estranha a essa cultura de um povo pobre e crente, no qual ela é levada a reconhecer uma forma de “sabedoria” especificamente cristã, da qual é preciso aprender a se alimentar para estar à altura de suas responsabilidades. Teologia do povo e da sua cultura evangelizada, ela certamente levará em conta as mediações tanto científica quanto filosóficas exigidas pela inteligência da fé, voltando, porém, sem cessar, para beber nas fontes vivas de um Evangelho atestado pela experiência crente dos pobres, dos pequenos e dos simples (SCANNONE, 2019, p. 9).

A teologia do povo valoriza as culturas locais, as expressões religiosas, pois reconhece que a fé se encarna a partir das culturas e dos contextos socioculturais. “Por conseguinte, para a ‘escola argentina’ o povo não é compreendido tanto a partir do território ou da classe social como a partir da cultura como ‘estilo de vida comum do povo’” (SCANNONE, 2019, p. 27). Sendo assim, não é uma reflexão abstrata, distante da realidade do povo, e ao mesmo tempo não se resume ao fazer, mas está centrada em uma mudança de mentalidade.

² A Teologia do Povo surgiu na América Latina, na segunda metade do século XX na Argentina. Ela se desenvolveu a partir do contexto social, político e religioso que a argentina vivia, por isso, foi influenciada pelas realidades que os fiéis se encontravam.

[...] são os pobres que, pelo menos de fato, na América Latina, são os guardiões da cultura própria de seu povo, enquanto sujeitos estruturantes de sua maneira de conviver:¹⁰ são os seus interesses que coincidem com um projeto histórico de justiça e de paz. Porque, na América que é a nossa, eles vivem oprimidos por uma situação de injustiça estrutural e de violência institucionalizada.¹¹ (SCANNONE, 2019, p. 26).

Deste modo, a teologia do povo está profundamente enraizada com o compromisso com os pobres, com a libertação das injustiças sociais, da exclusão dos direitos que lhe são garantidos e da preservação do ambiente em que vivem. Sendo assim, a categoria povo é um elemento fundante, já que representa uma determinada cultura, com suas diferenças e riquezas. “O povo nasce, então, de uma cultura comum e de condicionamentos históricos que dão a uma comunidade a possibilidade de solidariedade política” (SCANNONE, 2019, p. 50).

Assim, a evangelização não pode estar dissociada da promoção humana, da luta pelos direitos dos povos. Por isso, as pastorais e movimentos devem estar em defesa da vida. As pastorais da Igreja são chamadas a estar em consonância com a libertação dos povos, “[...] mas, à imagem de Cristo, levando em conta de maneira preferencial os pobres, que são habitualmente os mais abandonados” (SCANNONE, 2019, p. 51).

De seu lado, a hierarquia da Igreja põe a serviço do povo de Deus, encarnado nos povos e nas suas culturas, um discernimento da autenticidade de sua fé e de seu “senso da fé” inculturada; ela lê também os sinais dos tempos nos seus impulsos e aspirações, o que implica que a pastoral não esteja somente voltada para o povo, mas que ela parta também do povo, como já pedia o documento do episcopado argentino sobre a pastoral popular (San Miguel, 1969, em aplicação de Medellín à Argentina), para cuja redação Gera tivera um papel eminente (SCANNONE, 2019, p. 52).

Desta forma, a teologia do povo evoca uma nova forma de evangelização, de cuidado com as culturas, com os povos em suas mais diversas realidades. Assim, quando Francisco almeja uma Igreja comprometida com os pobres, em saída, servidora, seu desejo brota de uma espiritualidade encarnada, comprometida com os pequenos. “Daí a necessidade de maior atenção ao povo por parte da instituição eclesial, da importância de um crescimento em número e em qualidade dos agentes de pastoral (demasiado pouco numerosos) e da urgência da nova evangelização” (SCANNONE, 2019, p. 60).

Aparecida e o Papa Francisco pediram que a Igreja realize uma verdadeira conversão pastoral, que ela ponha fim a estruturas caducas e adote um estado permanente de missão a serviço de uma evangelização renovada, o que exige uma luta pela justiça e o amor em todas as relações inter-humanas (incluindo a relação com a natureza), a fim de construir o Reino de Deus

desde o presente aqui, na terra, embora de maneira ainda não definitiva (SCANNONE, 2019, p. 61).

Por conseguinte, a Teologia do Povo é uma fonte de inspiração e renovação para a Igreja na América Latina, pois, contribui para uma compreensão mais encarnada do anúncio cristão, para um maior compromisso com os desafios sociais e políticos enfrentados pelos povos. Desta forma, é preciso destacar que a teologia do povo contribui para toda a Igreja, pois, “[...] pode irradiar para todos, a serviço da nova evangelização do mundo global, tanto das pessoas como das culturas e das estruturas” (SCANNONE, 2019, p. 62).

4.1.1 A Contribuição Antropológica da Encíclica *Fratelli Tutti*

Francisco oferece uma visão abrangente e compassiva sobre o homem à luz do Evangelho, dos desafios que a humanidade enfrenta no mundo. Sendo assim, não será abordado o modelo teológico que Francisco tem como ponto de partida, pois o mesmo já foi feito no ponto anterior, entretanto, busca-se compreender em seus escritos sua orientação pastoral sobre o cuidado com a humanidade, pois, a ternura se revela “no amor que se torna próximo e concreto” (FRANCISCO, 2017).

Desencadeando a “revolução da ternura” que - no sentir do Papa e com ele, em íntima e espontânea correspondência, do *sensus fidei* do povo de Deus - quer investir toda dimensão da vida e toda expressão da missão de Igreja “em saída”. “Sim”, portanto, aqui e agora, “nas novas relações geradas por Jesus Cristo” (CODA, 2019, p. 70).

Assim, Francisco desenvolve sobre a misericórdia e o amor de Deus como ponto fundamentais para a mensagem cristã e busca manifestar esses princípios em suas ações e ensinamentos. Na carta encíclica *Fratelli Tutti*, sobre a fraternidade e a amizade social, o Pontífice utiliza do método indutivo, deste modo, não apresenta uma doutrina sobre a fraternidade, mas expressa um desejo profundo de amor fraterno: “sejamos capazes de reagir com um novo sonho de fraternidade e amizade social que não se limite a palavras” (Carta encíclica *Fratelli Tutti* [=FT], 2020, n. 6).

Jesus, o Cristo, é crucificado, hoje, nas cruzes da humanidade e sempre de novo ressurgiu, hoje, no coração do mundo. Por Ele se irradiam os raios de vida nova que dardejaram do seu Espírito, efusivamente, “sem medida” (Jo 3,34) sobre toda carne (At 2,17). É essa a visão do homem novo em Cristo que o Papa Francisco propõe em seu ministério, ainda mais, a experiência atônita e grata da incessante cristogênese que acontece no coração do mundo, transformando a partir de dentro e sob o abismo das tragédias humanas e florescendo das chagas mais purulentas e infectadas do evento humano (CODA, 2019, p. 70).

Francisco busca o diálogo, no qual perpassa pelas palavras e caminha para a concretude, é o Evangelho vivo, o amor encarnado em Jesus, que ensina em Palavras e revela o amor do Pai nas realidades da vida. Cabe a cada homem e mulher, buscar caminhos de encontro, porém, essencialmente cada cristão, impelido pelo amor fraterno de Jesus de Nazaré propagar a fraternidade que brota do Cristo (Lc 10, 25-37), pois, “a relação pessoal que decide o ‘compromisso comunitário’, na Igreja e pelo mundo, passa por Jesus. Gera-se por e nele e por meio das relações pessoais” (CODA, 2019, p. 71).

Isso pode ser tomado como garantido. Mas não o é. Porque essa concreta experiência da ressurreição de Jesus deve se tornar sopro e estilo de vida cotidiana, porque já o é por dom, como semente completa de novidade e como espera do Advento do Reino escondido no coração de cada ser humano. Tudo se joga nas relações pessoais. É em e para elas que o olhar de Deus se faz em Cristo o nosso olhar (CODA, 2019, p. 71).

Deste modo, a partir do amor social e da fraternidade é possível construir uma sociedade mais humana, e ao mesmo tempo revelar ao mundo o amor terno de Cristo, que se doa e deseja transformar o mundo ao seu redor. Este caminho que floresce com a vivência da fraternidade deve ser pautado pela verdade, visando o perdão e a superação dos erros cometidos em favor da vida, pois, “a unidade deve ser superior ao conflito” (EG, 2013, n. 111).

É possível compreender, deste modo, porque o Papa impele a comunidade dos fiéis a ir ao encontro de todas as realidades, pois, “para a Igreja, a mensagem social do Evangelho não deve ser considerada uma teoria, mas sobretudo um fundamento e uma motivação para a ação” (Centesimus annus, n. 57). O Pontífice reitera a dignidade inerente a cada pessoa humana, que é criada à imagem de Deus. Ademais, que deve encontrar em Jesus Cristo sua fonte de renovação e de vida, como nova criatura em Cristo Ressuscitado.

A sua ressurreição [de Jesus] não é algo do passado; contém uma força de vida que penetrou o mundo. Onde parecia que tudo morreu, voltam a aparecer por todo o lado os rebentos da ressurreição. É uma força sem igual.

(...) Cada dia, no mundo, renasce a beleza, que ressuscita transformada através dos dramas da história. Os valores tendem sempre a reaparecer sob novas formas, e na realidade o ser humano renasceu muitas vezes de situações que pareciam irreversíveis. Esta é a força da ressurreição, e cada evangelizador é um instrumento deste dinamismo (EG, 2013, n. 276).

Francisco ressalta a importância de valorizar a dignidade de cada ser humano, independentemente de sua situação social ou econômica. Condena a exclusão social, a discriminação e a violência, e clama por uma sociedade que respeite e proteja os

direitos de todos, pois, “o mandamento do amor recíproco é, de fato, ‘práxis do céu’ que se faz práxis da terra” (CODA, 2019, p. 75). Assim, enfatiza a necessidade de promover a solidariedade e a justiça social, superando o individualismo e a cultura do descarte.

Trata-se de reabrir o ritmo e o sentido do acontecer das "novas relações geradas por Jesus Cristo" em um ato perseverante de discernimento comunitário que se torna maiêutica da nova criação que a ressurreição de Jesus dá a luz das vísceras do mundo (CODA, 2019, p. 71).

É necessário realizar um caminho da indiferença a compaixão, do individualismo ao sentimento de pertença a uma Casa Comum, de uma concepção teórica a uma espiritualidade encarnada em um Deus criador, de uma falsa responsabilidade ecológica a uma mudança de vida, de um egoísmo a uma vivência real da fraternidade. Somente assim será possível construir um mundo mais irmão, pois, “a mera soma dos interesses individuais não é capaz de gerar um mundo melhor para toda humanidade” (FT, 2020, n. 105).

A relação íntima entre os pobres e a fragilidade do planeta, a convicção de que tudo está estreitamente interligado no mundo, a crítica do novo paradigma e das formas de poder que derivam da tecnologia, o convite a procurar outras maneiras de entender a economia e o progresso, o valor próprio de cada criatura, o sentido humano da ecologia, a necessidade de debates sinceros e honestos, a grave responsabilidade da política internacional e local, a cultura do descarte e a pro- posta de um novo estilo de vida (Carta Encíclica Laudato Si [=LS], 2015, n. 16).

A antropologia do Papa Francisco refere-se à visão sobre a sua compreensão das questões relacionadas à pessoa humana em seu contexto social, cultural e espiritual. Desta forma, a Igreja é chamada a ser sinal para o homem no mundo, “a Igreja tem um papel público que não se esgota nas suas atividades de assistência ou de educação, mas busca a promoção do homem e da fraternidade universal” (FT, 2020, n. 276). Francisco compreende assim o homem em sua realidade, por isso afirma que “a realidade é superior a ideia” (EG, 2013, n. 231).

A fé no Cristo Crucificado-ressuscitado é fonte de vida para o homem. Por conseguinte, quando o homem e a mulher se colocam diante da misericórdia de Deus, vivem como novas criaturas e anunciam a vida em abundância proclamada por Jesus. “A misericórdia é o prisma do qual olhar e testemunhar a verdade jubilosa e libertadora e a força transformadora do Evangelho. Não significa colocá-la entre parênteses à verdade e à justiça. [...] Significa centrar e comunicar sua essência, que é o amor” (CODA, 2019, p. 85).

Essa fé e essa esperança transfiguram de luz e de ternura o olhar do Papa Francisco sobre a humanidade. É essa a antropologia que brota do Evangelho, da Tradição da Igreja, do Vaticano II, que ele vive e anuncia. A “nova etapa da evangelização”, a qual a Igreja exorta, outra coisa não é se não “um instrumento de tal dinamismo”, um serviço a expansão além de todo confim da “força da ressurreição” (EG, n. 276) (CODA, 2019, p. 70).

Deste modo, deixar-se guiar pela fé no Cristo ressuscitado, em sua misericórdia incondicional pelo homem, “envolve-nos bastante, de ímpeto, no movimento do mergulhar-se do coração e da mente neste centro vivo para reemergir novos ao lado dos pobres, dos excluídos e dos descartados[...]” (CODA, 2019, p. 69). Fazendo que o homem se torne o centro, mas não no sentido intimista, mas pessoal, “para nos fazer testemunhas e atores junto ao anúncio do mundo novo que cada dia nasce do Evangelho” (CODA, 2019, p. 69).

Portanto, a teologia apresentada pelo Papa Francisco é marcada por reflexões antropológicas. Tais reflexões são fundamentais para entender como o Papa compreende o ser humano e sua relação com o Evangelho. Francisco realiza uma reflexão sobre Deus e o homem, tendo como horizonte a pessoa de Jesus. “É assim que na experiência e na compreensão da fé do Papa Francisco são vivos e se fazem atuais o Evangelho de Jesus e o patrimônio da Tradição cristã” (CODA, 2019, p. 81).

4.2 A Teologia da Ternura em Francisco

A linguagem teológica do Papa Francisco e seu modo de fazer teologia são particularmente acessíveis na linguagem, no entanto, seu vocabulário contém uma riqueza teológica que deve ser refletida com afinco. Assim, a teologia da ternura desenvolvida pelo Papa emerge como uma resposta teológica à busca por uma compreensão mais profunda e compassiva do homem, enraizada na misericórdia e no amor incondicional do Senhor.

Faz-se necessário, portanto, reflexionar sobre o pensamento de Francisco a partir da ótica da ternura, pois, “revestir-se de misericórdia e ternura é condição para a escuta, o diálogo, a superação de barreiras, a edificação de uma nova cultura em que a solidariedade se sobreponha à indiferença, e a fraternidade, ao distanciamento” (ZACHARIAS, 2023, p. 242). Por conseguinte, compreender que ao deixar-se guiar pelo amor terno de Deus, a humanidade e a Igreja são chamadas a ir ao encontro do outro, a viver a experiência de convivialidade.

Diante do rosto do outro, a ternura se revela como doçura e, por isso mesmo, torna-se frágil. Despir-se de um coração de pedra implica assumir um coração de carne e, conseqüentemente, fazer-se vulnerável. Quem ama se torna

frágil, a ponto de ser “atingido’ pela dor do outro, de incomodar-se com ela e abraçá-la como gesto concreto de alívio e presença. É nessa relação entre fragilidades que compreendemos o significado profundo da ternura como afeto que se manifesta na paradoxal relação entre força e fraqueza, entre poder e impotência (ZACHARIAS, 2023, p. 220).

Assim, Francisco aplica a compaixão divina em seu papado ao demonstrar amor, misericórdia e preocupação pelos mais vulneráveis, promovendo a paz, a justiça e o diálogo em um mundo marcado por divisões e desigualdades. Pois, “é o grau de sensibilidade em relação ao sofrimento do outro que expressa o nível da nossa própria humanidade” (ZACHARIAS, 2023, p. 219).

4.2.1 A Teologia e o Sentir

Para o Papa Francisco, a teologia é uma ferramenta fundamental para aprofundar a compreensão da fé cristã. O pensar teológico não é apenas um exercício intelectual, mas uma busca espiritual para uma compreensão mais profunda da presença e da vontade de Deus na vida da humanidade e no mundo. A teologia não é se resume a especulação. “Com efeito, a teologia não pode ser abstrata — se fosse abstrata seria ideologia — porque nasce de um conhecimento existencial, nasce do encontro com o Verbo feito carne!” (FRANCISCO, 2018).

A teologia tem a missão de estar a serviço da Igreja e das necessidades do mundo. Por isso Francisco encoraja os teólogos a se envolverem nas questões urgentes enfrentadas pela humanidade. A proclamar a vida de Jesus de Nazaré, do Verbo que se fez carne, que viveu e sentiu os dramas da humanidade. Assim, a missão da teologia é “encarnar a Palavra de Deus para a Igreja e para o homem do terceiro milênio. Hoje como nunca é necessária uma revolução da ternura. Isto nos salvará” (FRANCISCO, 2018).

Sim, a ternura é o caminho que percorreram os homens e as mulheres mais corajosos e fortes. A ternura não é debilidade, mas fortaleza. É o caminho da solidariedade, a senda da humildade. Permite que o diga claramente: quanto mais poderoso fores, tanto mais as tuas ações terão um impacto sobre as pessoas, tanto mais serás chamado a ser humilde. Caso contrário, o poder arruína-te e tu arruinarás os outros (FRANCISCO, 2017).

Assim, refletir sobre a teologia da ternura não é um sentimentalismo, como já foi apresentado no primeiro capítulo. A ternura é sentir com as entranhas, estar em profunda sintonia consigo mesmo e ser capaz de encher-se de compaixão pelo outro. “Teologia e ternura parecem duas palavras distantes: a primeira aparenta evocar o

âmbito acadêmico, a segunda as relações interpessoais. Na realidade a nossa fé une-as indissolúvelmente” (FRANCISCO, 2018).

É nisto que consiste a ternura: em abaixar-se ao nível do outro. Também Deus se abaixou, em Jesus, para estar ao nosso nível. Foi esta a estrada que o Bom Samaritano percorreu. Foi esta a estrada trilhada por Jesus, que se abaixou, que atravessou toda a vida do homem mediante a linguagem concreta do amor (FRANCISCO, 2017).

O sentir é essencial para a vida do homem, a misericórdia e compaixão são sentimentos que se revelam na concretude. A reflexão do amor terno do Senhor é um instrumento para capacitar os cristãos a viverem sua fé de maneira autêntica no hoje e a testemunharem o amor de Deus no mundo. “Por isso, a teologia está chamada a comunicar que Deus amor é concreto. E ternura é um bom ‘existencial concreto’, para traduzir para os nossos tempos o afeto que o Senhor sente por nós” (FRANCISCO, 2018).

Certamente a teologia não se pode limitar a sentimento, mas também não pode ignorar que em muitas partes do mundo a abordagem às questões vitais já não começa pelas perguntas últimas nem pelas exigências sociais, mas por aquilo que a pessoa sente emotivamente. A teologia é interpelada a acompanhar esta busca existencial, contribuindo com a luz que vem da Palavra de Deus. E uma boa teologia da ternura pode declinar a caridade divina neste sentido. É possível, pois o amor de Deus não é um princípio geral abstrato, mas pessoal e concreto, que o Espírito Santo comunica no íntimo (FRANCISCO, 2018).

Além disso, o Sumo Pontífice em seu “Discurso do Santo Padre aos participantes no Simpósio Nacional sobre a Teologia da Ternura de Papa Francisco”, depois de discorrer sobre o papel da teologia acrescenta dois conteúdos do sentir que estão presentes na ternura: “a beleza se nos sentirmos amados por Deus e a beleza de sentir que amamos em nome de Deus” (FRANCISCO, 2018). Sentir-se amado é uma experiência profundamente humana, que na espiritualidade refere-se ao amor *agápe*.

Se Deus quer para si os corações e os chama para a radicalidade do amor sobre o modelo de seu Unigênito, não é para que percam sua capacidade de encontro humano ou se tornem rígidos em comportamentos frios ou ascéticos, mas para que se abram de forma ainda mais verdadeira, à fraternidade/sororidade, à troca pessoal, ao amor e à amizade. Caso contrário, a própria caridade teológica perderia seu conteúdo antropológico e tornar-se-ia, por fim, só uma palavra vazia (ROCCETTA, 2002, p. 383).

O sentimento de ternura está frequentemente associado a uma sensação de vulnerabilidade e intimidade, pois envolve abrir o coração e permitir-se ser tocado. O sentir-se amado revela uma profunda intimidade com o outro e com Deus, com sua misericórdia. Por isso, “a ternura revela-nos, ao lado do rosto paterno, o materno, o

materno de Deus, de um Deus apaixonado pelo homem, que nos ama com um amor infinitamente maior do que o de uma mãe pelo próprio filho (cf. *Is* 49, 15)” (FRANCISCO, 2018).

O amor terno de Deus permite ao ser humano viver uma experiência amorosa e de proximidade com o Senhor, perceber que Ele está perto. Portanto, sentir-nos amados significa aprender a confiar em Deus, a dizer-lhe, como Ele quer: “Jesus, confio em ti” (FRANCISCO, 2018). Desta forma, é possível compreender a convicção evangélica, quando Francisco aplica a misericórdia em seu papado ao demonstrar compaixão e preocupação pelos mais vulneráveis, promovendo a paz, a justiça e o diálogo num mundo marcado por divisões e desigualdades.

Deixar-se tocar pelas carícias de Deus implica revestir-se de misericórdia e ternura ao se aproximar do outro, sobretudo daquele que, por causa da sua maior vulnerabilidade, isto é, da sua condição de poder ser mais ferido, precisa tocar com as mãos um amor capaz de salvar. Não é por acaso que Francisco afirma que “quem não se deixa acariciar pelo Senhor está perdido!”⁷³ (ZACHARIAS, 2023, p. 242).

Já o último aspecto, “sentir que amamos”, revela a capacidade que o homem tem para amar, pois “quando o homem se sente deveras amado, sente-se estimulado a amar” (FRANCISCO, 2018). É a capacidade que está intrínseca no coração da humanidade, ser capaz de sentir compaixão, de cuidar do outro, de viver em uma relação convival. Portanto, “se Deus é ternura infinita, também o homem, criado à sua imagem, é capaz de ternura” (FRANCISCO, 2018).

Neste sentido a ternura remete para a *Paixão*. Com efeito, a Cruz é o selo da ternura divina, que se obtém das chagas do Senhor. As suas feridas visíveis são as janelas que escancaram o seu amor invisível. A sua Paixão nos convida a transformar o nosso coração de pedra em coração de carne, a apaixonarmo-nos por Deus. E pelo homem, por amor de Deus (FRANCISCO, 2018).

Deste modo, “a ternura é o caminho que percorreram os homens e as mulheres mais corajosos e fortes. A ternura não é debilidade, mas fortaleza. É o caminho da solidariedade, a senda da humildade” (FRANCISCO, 2017). O sentir que podemos amar o outro, leva a compreender que a existência do homem está ligada ao seu ambiente, ao mundo que o cerca, a viver com e por amor, sendo assim, “a ternura não é somente a sensibilidade, mas a implica e a supõe” (ROCCHETTA, 2002, p. 382).

Compreendemos assim que a raiz da nossa liberdade nunca é autorreferencial. E sentimo-nos chamados a verter no mundo o amor recebido do Senhor, a decliná-lo na Igreja, na família, na sociedade, a conjugá-lo no servir e no doar-nos. Tudo isto não por dever, mas por amor, por amor daquele pelo qual somos ternamente amados (FRANCISCO, 2018).

Portanto, “com a humildade e o amor concreto, o poder — o mais alto, o mais vigoroso — torna-se serviço e propaga o bem” (FRANCISCO, 2017). A humildade e o serviço no amor produzem de fato uma humanidade que enxerga no outro um irmão, um ser amado por Deus, e assim o ama como ele o é, e o ajuda a atingir suas potencialidades. Por isso, a humanidade é capaz de perceber que “todos nós temos necessidade uns dos outros, que nenhum de nós é uma ilha, um eu autónomo e independente dos outros, que só juntos podemos construir o futuro, sem excluir ninguém” (FRANCISCO, 2017).

4.2.2 Sentir Teologia

O Papa Francisco ao tratar sobre a misericórdia de Deus diante da miséria do pecado em sua oitava catequese sobre São José, o apresenta como o pai da ternura. “Jesus viu a ternura de Deus em José: «Como um pai se compadece dos filhos, assim o Senhor Se compadece dos que O temem» (Sal 103, 13)” (Carta Apostólica *Patris Corde* [PaC], 2022, n. 2). Francisco reflete sobre a paternidade divina através da figura de São José, pois, chamar Deus de Pai, significa dizer também que Jesus viveu uma experiência profunda com São José.

Francisco, recorda que a experiência paterna não se detém apenas no aspecto positivo, mas na acolhida de Deus diante das fragilidades humanas. Assim, Jesus apresenta o Pai misericordioso na parábola lucana, “a história da salvação realiza-se, «na esperança para além do que se podia esperar» (*Rm* 4, 18), através das nossas fraquezas” (PaC, 2022, n. 2). O Pai misericordioso acolhe o Filho com festa, sem questionar os pecados cometidos, sem julgar suas debilidades.

Esta parábola sublinha não só a experiência do pecado e do perdão, mas também a forma como o perdão chega à pessoa que errou. O texto diz: «Estava ainda longe, quando o seu pai o viu e, movido de compaixão, foi ao encontro dele, abraçou-o e beijou-o» (v. 20). O filho esperava um castigo, uma justiça que no máximo lhe poderia ter dado o lugar de um dos servos, mas encontra-se envolto no abraço do seu pai. A ternura é algo maior do que a lógica do mundo. É uma forma inesperada de fazer justiça. É por isso que nunca devemos esquecer que Deus não se assusta com os nossos pecados: convençamo-nos bem disto (FRANCISCO, 2022).

Deste modo, o amor de Deus não está associado ao pecado, Deus ama independente do pecado, senão seu amor estaria associado ao mesmo. Assim, afirma o Sumo Pontífice: “e é bom pensar que a primeira pessoa que transmitiu esta realidade a Jesus foi precisamente José. Pois as coisas de Deus vêm sempre até nós através

da mediação de experiências humanas” (PaC, 2022, n. 2). Por conseguinte, Jesus viveu de fato uma relação filial com São José, relação de amor, de cuidado.

Deus não se assusta com os nossos pecados, é maior do que os nossos pecados: é pai, é amor, é terno. Não se assusta com os nossos pecados, com os nossos erros, as nossas quedas, mas assusta-se com o fechamento do nosso coração – isto sim, fá-lo sofrer – assusta-se com a nossa falta de fé no seu amor. Há uma grande ternura na experiência do amor de Deus (FRANCISCO, 2022).

A questão que conduz o homem a um fechamento não está nas suas fraquezas, mas em não acolher a bondade do criador para formar uma vida nova. “Esta é a misericórdia de Deus. Ele não se assusta com o nosso passado, com os nossos aspetos negativos: assusta-se apenas com o fechamento” (FRANCISCO, 2022). No entanto, “todos temos contas a acertar; mas acertar as contas com Deus é belíssimo, porque começamos a falar e Ele abraça-nos. A ternura!” (FRANCISCO, 2022).

O Senhor não nos tira todas as fragilidades, mas ajuda-nos a caminhar com as fragilidades, pegando-nos pela mão. Pega pela mão as nossas fragilidades e põe-se perto de nós. Isto é ternura. A experiência da ternura consiste em ver o poder de Deus passar precisamente por aquilo que nos torna mais frágeis; mas sob condição de nos convertermos do olhar do Maligno que nos faz «olhar para a nossa fragilidade com um juízo negativo, ao passo que o Espírito trá-la à luz com ternura» (Patris corde, 2). «A ternura é a melhor forma para tocar o que há de frágil em nós» (FRANCISCO, 2022).

Desta forma, o homem é chamado a fazer uma experiência autêntica de sua própria humanidade, reconhecendo suas qualidades como dom de Deus e em seus erros, experimentando a misericórdia do Senhor. A acolhida misericordiosa de Deus não é sentimentalismo, mas acolhida no perdão e no retorno a casa paterna, é vivência convival como aconteceu com o filho da parábola lucana. Assim, a ternura “[.] é a experiência de nos sentirmos amados e acolhidos precisamente na nossa pobreza e miséria, e, por conseguinte, transformados pelo amor de Deus” (FRANCISCO, 2022).

Muitas vezes pensamos que Deus conta apenas com a nossa parte boa e vitoriosa, quando, na verdade, a maior parte dos seus desígnios se cumpre através e apesar da nossa fraqueza. Isto mesmo permite a São Paulo dizer: «Para que não me enchesse de orgulho, foi-me dado um espinho na carne, um anjo de Satanás, para me ferir, a fim de que não me orgulhasse. A esse respeito, três vezes pedi ao Senhor que o afastasse de mim. Mas Ele respondeu-me: “Basta-te a minha graça, porque a força manifesta-se na fraqueza”» (2 Cor 12, 7-9) (PaC, 2022, n.2).

Por conseguinte, viver o amor terno do Senhor é reconhecer Nele a fonte de todo amor. Jesus é o referencial, plenamente homem e plenamente Deus³. Assim, é

³ Dogma proclamado em 381, no concílio de Constantinopla sobre as duas naturezas de Cristo: a divina e a humana.

necessário viver de fato a própria humanidade para se viver em sintonia com o Senhor. “Falar de Deus requer que se fale do homem e do modo com o qual a sua vida se desenvolve segundo uma autêntica natureza humana. Mas falar do homem e da sua vida em plenitude requer que se fale de Deus” (WERBICK, 2018, p. 13).

Viver o amor terno do Senhor não exige do homem que negue sua humanidade, por isso, “sem esta ‘revolução da ternura’ – é necessária uma revolução da ternura! – corremos o risco de permanecer presos numa justiça que não nos permite erguer-nos facilmente e que confunde redenção com castigo” (FRANCISCO, 2022). Sendo assim, o homem e a mulher diante de sua fragilidade são convidados a viver a experiência paterna com o Pai misericordioso, assim, como fez São José, “o pai da ternura” (FRANCISCO, 2022).

4.3 Uma Igreja em Saída

Compreender o princípio orientador teológico do Papa Francisco e sua visão da teologia da ternura permite que se faça uma leitura coerente de seu papado, em seu pastoreio e diálogo coma humanidade. É preciso ressaltar que, se Francisco age com ternura e deseja uma Igreja terna, é porque a Igreja por vezes insiste fechar-se em si mesma. Por isso, Francisco afirma que “a realidade é mais importante do que a ideia” (EG, 2013, n. 231), pois na realidade encontramos o outro, pessoas com histórias, com uma vida. É na realidade dos povos que a Igreja deve desenvolver sua missão evangelizadora.

Existe também uma tensão bipolar entre a ideia e a realidade: a realidade simplesmente é, a ideia elabora-se. Entre as duas, deve estabelecer-se um diálogo constante, evitando que a ideia acabe por separar-se da realidade. É perigoso viver no reino só da palavra, da imagem, do sofisma. Por isso, há que postular um terceiro princípio: a realidade é superior à ideia. Isto supõe evitar várias formas de ocultar a realidade: os purismos angélicos, os totalitarismos do relativo, os nominalismos declaracionistas, os projectos mais formais que reais, os fundamentalismos anti-históricos, os eticismos sem bondade, os intelectualismos sem sabedoria (EG, 2013, n. 231).

Deste modo, é evidente que os direitos humanos não são iguais para todos, há discrepância entre o que está escrito e vivido, “as palavras dizem uma coisa, mas as decisões e a realidade gritam outra” (FT, 2020, n. 23). Francisco reconhece a fragilidade humana tanto no seio da Igreja como na sociedade, e como pastor orienta a Igreja a ir ao encontro das periferias existências. Assim, a aplicação pastoral em seu ministério Petriano reflete seu desejo de uma Igreja comprometida com os pobres, próxima das pessoas, dos marginalizados e excluídos.

“O Cristo pobre, que de tudo se esvazia, até da sua igualdade em divindade com o Pai (Fl 2,7) para nos enriquecer com a sua pobreza (1Cor 8,9), é a via de Deus para nós, de nós para Deus, de nós uns para com os outros” (CODA, 2019, p. 81). Sendo assim, o que se pretende desenvolver é o chamado que Francisco faz a Igreja, sua missão diante dos excluídos e do cuidado com a casa comum. Por isso, “a Igreja «em saída» é a comunidade de discípulos missionários que «primeireiam», que se envolvem, que acompanham, que frutificam e festejam” (EG, 2013, n. 24).

A Igreja «em saída» é uma Igreja com as portas abertas. Sair em direção aos outros para chegar às periferias humanas não significa correr pelo mundo sem direção nem sentido. Muitas vezes é melhor diminuir o ritmo, pôr de parte a ansiedade para olhar nos olhos e escutar, ou renunciar às urgências para acompanhar quem ficou caído à beira do caminho. Às vezes, é como o pai do filho pródigo, que continua com as portas abertas para, quando este voltar, poder entrar sem dificuldade (EG, 2013, n. 46).

Por isso, “a missão não é o amor do próximo que os cristãos praticam depois de terem estado no amor de Deus, dividindo-se entre a contemplação divina e a ação mundana” (FUMAGALLI, 2019, p. 35). A missão está neste sentido no chamado para ir ao encontro do Outro, para comunicar a Boa-Nova de Jesus, pois, “a evangelização não se configura então como o cumprimento de uma obrigação moral, mas a partilha de uma alegria” (FUMAGALLI, 2019, p. 35).

4.3.1 A Opção Preferencial pelos Últimos no Magistério de Francisco

O Papa Francisco tem uma preocupação especial pelos pobres e marginalizados, opção está que está clara pela Igreja Latino Americana no Documento de Aparecida⁴, no qual Francisco ajudou a escrever. Sendo assim, “quando o papa fala em ‘tocar a Cristo’ nas chagas dos enfermos, dos pobres, dos anciãos, dos presos, não o diz em sentido metafórico” (FERNNÁNDEZ, 2021, p. 55). Sua aplicação pastoral se reflete em gestos concretos, como visitas a comunidades carentes, encontros com refugiados e migrantes.

De acordo com Rocchetta, o agir da Igreja está centrado sobre a ternura e, por isso, exige sempre uma opção fundamental: a “opção preferencial pelos ‘excluídos’”.¹⁴ Trata-se, verdadeiramente, de uma opção que supõe renúncias, de uma escolha que exige ascese, exercício espiritual, bondade, compaixão, olhar amoroso diante das fragilidades e vulnerabilidades da vida humana (TRASFERETTI, 2023, p. 199).

⁴ O Papa Francisco desempenhou um papel importante na redação do documento final da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano Caribenho, denominado de Documento de Aparecida. Este encontro dos Bispos Latinos ocorreu no Brasil, na cidade de Aparecida, em 2007, quando o Papa Francisco, então Cardeal Jorge Bergoglio era Arcebispo de Buenos Aires, na Argentina.

Em seu ministério Petrino o papa reitera a toda a Igreja a missão de ir ao encontro dos excluídos, de agir com compaixão pelos últimos da sociedade. “Hoje e sempre, «os pobres são os destinatários privilegiados do Evangelho»,^[52] e a evangelização dirigida gratuitamente a eles é sinal do Reino que Jesus veio trazer” (EG, 2013, n. 48). Sendo assim, o cuidado com os pobres está ligado diretamente com o aspecto missionário da Igreja, do anúncio da Boa Nova de Jesus.

O encontro com o amor de Deus em Cristo Jesus não separa o ser “discípulos” do ser “missionários”, mas torna-nos sempre “discípulos-missionários”.⁸⁰ Essa concepção missionária do amor divino configura, em chave missionária, a identidade humana, prospectando uma antropologia pela qual “eu sou uma missão nesta terra, e para isso estou neste mundo”.⁸¹ A antropologia missionária pode ser ulteriormente qualificada sob o perfil transcendente, relacional e moral (FUMAGALLI, 2019, p. 35).

O ser discípulo-missionário pressupõe uma relação de intimidade com o Senhor, que orienta e guia a vida do crente e convida a anunciar a experiência de vida e libertação a seus irmãos e irmãs, assim como os primeiros discípulos fizeram: “o que vimos e ouvimos vo-lo anunciamos” (1 Jo 1, 3). Deste modo, a comunidade dos fiéis é chamada a viver um dinamismo missionário, anunciando a ternura de Deus, lutando pelos ensinamentos evangélicos e a justiça.

Se a Igreja inteira assume este dinamismo missionário, há de chegar a todos, sem exceção. Mas, a quem deveria privilegiar? Quando se lê o Evangelho, encontramos uma orientação muito clara: não tanto aos amigos e vizinhos ricos, mas sobretudo aos pobres e aos doentes, àqueles que muitas vezes são desprezados e esquecidos, «àqueles que não têm com que te retribuir» (Lc 14, 14) (EG, 2013, n. 48).

Portanto, “há que afirmar sem rodeios que existe um vínculo indissolúvel entre a nossa fé e os pobres. Não os deixemos jamais sozinhos!” (EG, 2013, n. 48). É necessário olhar os pobres como Jesus o fez, deixar-se tocar pelas realidades e agir com compaixão. Deste modo, “as ações pela justiça, em suas formas de denúncias e em atitudes concretas de acolhimento e proximidade com os pobres e excluídos, constituem um caminho necessário para a vida eclesial (TRASFERETTI, 2023, p. 199).

Se alguma coisa nos deve santamente inquietar e preocupar a nossa consciência é que haja tantos irmãos nossos que vivem sem a força, a luz e a consolação da amizade com Jesus Cristo, sem uma comunidade de fé que os acolha, sem um horizonte de sentido e de vida. Mais do que o temor de falhar, espero que nos mova o medo de nos encerrarmos nas estruturas que nos dão uma falsa proteção, nas normas que nos transformam em juízes implacáveis, nos hábitos em que nos sentimos tranquilos, enquanto lá fora há uma multidão faminta e Jesus repete-nos sem cessar: «Dai-lhes vós mesmos de comer» (Mc 6, 37) (EG, 2013, n. 49).

Portanto, a comunidade eclesial, os discípulos-missionários que tem o “comportamento movido pela ternura acolhe o refugiado, o indígena, o ribeirinho e toda pessoa que foi banida do seu país ou do seu hábitat natural, por razões alheias a sua própria vontade” (TRASFERETTI, 2023, p. 200). Assim, os cristãos tem a missão de sair da indiferença e caminhar para compaixão. “Trata-se de uma sintonia com as mãos que rezam e as mãos que fazem, uma conexão com a humanidade, um verdadeiro ágape” (TRASFERETTI, 2023, p. 200).

4.3.2 A Ternura e o Cuidado com a Casa Comum

O Cuidado com a criação não é um apêndice, mas parte constitutiva do cuidado com a humanidade. A Casa Comum, expressão utilizada pelo Papa Francisco é a casa que acolhe a todos. A encíclica *Laudato Si* publicada por Francisco em 2015, trata sobre a questão ecológica, a degradação ambiental, a mudança climática e o cuidado com a criação, pois, “ao fazer um resgate do caráter efetivo da fé cristã enquanto ação ecológica, a encíclica propõe uma postura que defende e assume a vida” (SLEUTJES, 2023, p. 51). Sendo assim, é necessário olhar com ternura para o ambiente que vivemos, pois, “a Casa Comum é objeto e sujeito da ternura; além de a ternura ser o fim da Casa Comum, ela é também o meio para alcançá-la” (ASTIGUETA, 2023, p. 251).

Em primeiro lugar, a ternura é o estilo da Casa Comum, “seu sinal e sua forma de atuação”.³⁸ Essa moradia exala ternura, “é o fulgor da beleza e seu reflexo mais radiante”.³⁹ A beleza desta Casa Berço é vivenciada como ternura, como uma carícia suave,⁴⁰ como harmonia exterior que nasce do interior da Casa Comum - no “centro duma rede da vida constituída por milhões de espécies, amorosamente unidas por nosso intermédio ao Criador”⁴¹ - para instalar- -se no interior daqueles que se abrem para recebê-la (ASTIGUETA, 2023, p. 262).

Além disso, Francisco propõe a formação da consciência, pois, a humanidade é chamada a zelar como colaborador junto ao Deus-Criador (Gn 1, 28), no cuidado da mãe terra. Deste modo, a formação da consciência é necessária, pois, o homem não tem a concepção de que tudo está interligado, pois, quando uma parte do planeta sofre, todo o restante sente as consequências de tais atos. “O desperdício da criação começa onde já não reconhecemos qualquer instância acima de nós, mas vemo-nos unicamente a nós mesmos” (LS, 2015, n. 6).

A ternura, como práxis cristã capaz de forjar a Casa Comum, oferece outra dimensão da “força do amor humilde” ao compreendê-la como uma ação quenótica, como nos ensina Román Guridi. O ser humano é chamado a agir

como o Pai eterno, o qual, com amor todo-poderoso, “não ameaça, mas permite às criaturas desenvolverem-se e avançarem em direção à plena realização”; e como o Filho, no qual se cumpre o duplo movimento de “autolimitação e entrega amorosa de si mesmo”,⁶² com o objetivo de que a criação inteira recupere sua harmonia, inclusive nas esferas mais humildes (ASTIGUETA, 2023, p. 267).

Formar a consciência de cada homem e mulher a questão ecológica integral é fundamental para olhar com ternura para criação, sem a compreensão de que habitamos a mesma casa será impossível desenvolver soluções efetivas para solucionar a degradação que a humanidade tem provocado no globo. Deste modo, é necessário reconhecer que “uma verdadeira abordagem ecológica sempre se torna uma abordagem social, que deve integrar a justiça nos debates sobre o meio ambiente, para ouvir tanto o clamor da terra como o clamor dos pobres” (LS, 2015, n. 49).

Assim, o Papa apresenta questões concretas do que está acontecendo: a poluição, o efeito climático, a perda da biodiversidade, a deterioração da vida humana. Sendo assim, “apenas uma casa de ternura será capaz de nos proteger verdadeiramente das intempéries alojadas nos corações endurecidos desta humanidade adulterada” (ASTIGUETA, 2023, p. 262). Ademais, os que mais sofrem com as consequências do uso desenfreado dos recursos da Casa Comum são os mais pobres, os países menos desenvolvidos no âmbito tecnológico.

Por conseguinte, o homem é chamado a ser sinal de ternura divina, deixando-se guiar pelo amor do criador, construindo um mundo mais justo, cuidando do planeta e assim, também estará zelando por seu irmão, o outro que tem um rosto, que vive em um ambiente concreto. Desta forma, um coração terno é comprometido com a transformação da realidade, do ambiente que se vive, é um coração que se deixa guiar pelo amor divino, por isso, “o amor é um ‘dinamismo de saída’ que Deus gera nos fiéis” (FUMAGALLI, 2023, p. 35).

O dinamismo da pedagogia da misericórdia que consiste em “baixar para reabilitar”, como nos ensina São João Crisostomo⁶³ - propicia compreender que o coração terno é um coração transformado e comprometido com a transformação das realidades terrenas, a fim de que todas elas cheguem ao seu verdadeiro destino: ser lugar de ternura. ⁶⁴ A Casa Comum é, portanto, um espaço de ternura, uma trama cuja origem e cujo fim é a Grande Ternura. Essa maravilhosa criação é a terra ordenada desde Deus e para Deus, a Casa Verdadeira (ASTIGUETA, 2023, p. 267).

A ternura divina acontece na Casa Comum, pois, “a criação é o eterno espaço que habita em Deus: ‘Deus é o eterno espaço de morada de sua criação’

(ASTIGUETA, 2023, p. 262). Deste modo, o ser humano é chamado a louvar a Deus no cuidado com a criação, como “ser-da-ternura, o homem é capaz de dar voz à silenciosa exultação do cosmo e à nostalgia de plenitude que invade tudo, à espera da definitiva transfiguração” (ROCCHETTA, 2002, p. 53).

Esse louvor, por sua vez, converte o ser humano também em morada para a criação, não apenas porque ele é chamado a cultivar e guardar a Casa Comum, mas também apresentá-la para que Deus possa transformá-la em comida e bebida de salvação. Assim, ambas as criaturas, e umas pelas outras, tornam-se participantes do processo de “eucaristização” - segundo Jaime Tatay⁷⁴ -, e experimentam a inabitação de Deus entre nós, revelada ao longo de uma história ainda inacabada. Enquanto isso, nossa Casa Berço é “já, mas ainda não”, morada de Deus, Reino de Ternura.⁷⁵ (ASTIGUETA, 2023, p. 269).

Portanto, o olhar e o cuidado terno com a Casa Comum valorizam a dignidade, a justiça e o cuidado com o meio ambiente como princípios fundamentais para uma compreensão integral do homem e da mulher na construção de uma sociedade mais humana e fraterna. Sendo assim, podemos afirmar “[...] que a ternura é a boa notícia, o evangelho para nossa Casa Comum, condição para que ela se transforme em Casa Berço; por isso, propomos abordar a Casa de Ternura como estilo, ação e espaço” (ASTIGUETA, 2023, p. 262).

4.4. Síntese Compreensiva

Neste capítulo buscou-se apresentar o fundamento teológico orientador do Papa Francisco e conseqüentemente sua preocupação com a humanidade e a missão da Igreja. Pode-se afirmar, portanto, que Francisco desenvolve uma antropologia missionária, coerente com os princípios evangélicos e comprometida com os pobres. Pois, “chegamos a ser plenamente humanos quando somos mais do que humanos, quando permitimos a Deus que nos conduza para além de nós mesmos, a fim de alcançarmos o nosso ser mais verdadeiro”⁸² (FUMAGALLI, 2019, p. 35).

Além disso, em seu ministério petrino o Papa não desenvolve uma doutrina da ternura, mas a forma como vive e age com a Igreja e a humanidade é expressão de amor e misericórdia. Deste modo, todos que se deixam guiar pelo espírito terno do Senhor agem com amor diante do outro, pois, “o olho que ama fala com o coração e movimenta os pés e as mãos em direção da pessoa que está caída” (TRASFERETTI, 2023, p. 201).

Por conseguinte, o olhar de ternura se dirige especialmente aos pobres e excluídos, aos que mais sofrem pela ganância humana. “Sem ternura, a integração dos excluídos não se realiza, o respeito para com as diversidades se torna distante, a construção da paz se perde no horizonte” (TRASFERETTI, 2023, p. 202). Ademais, o cuidado com a humanidade se reflete em toda a obra da criação, não é possível viver o amor-terno de Deus, sem olhar para a Casa Comum. Assim, a Casa Comum é a Casa da ternura, pois, “[...] além de a ternura ser o fim da Casa Comum, ela é também o meio para alcançá-la” (ASTIGUETA, 2023, p. 251).

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

É imprescindível destacar que a Teologia da Ternura não se identifica com uma ideia romântica do mundo, nem com um conteúdo abstrato sem incidência na vida do homem em sua relação com Deus, consigo e com o mundo. Ao contrário, a validade deste estudo está na compreensão que a ternura possibilita a humanidade a realizar uma profunda escolha de amor, de reconhecimento da presença terna de Deus na própria vida e na sua relação com o outro. Ademais, a presente pesquisa contribuí no estudo teológico sobre a ternura, já que é um tema pouco abordado, bem como sua incidência na práxis eclesial que a Igreja deve realizar no mundo.

O véis da ternura é o olhar compassivo de Deus, de sua proximidade e ação misericordiosa com a humanidade. Deste modo, é um convite do criador a sair da superficialidade da vida, do olhar somente para si, de suas necessidades e criar relações autênticas, sendo capaz de dialogar com todas as situações conflitantes e cuidar do outro em sua realidade. Por isso, quem opta por viver a ternura reconhece o outro, forma relações de convivialidade. Além disso, reconhece que há situações de injustiça e sofrimentos que necessitam ser transformadas.

Haja vista que para se compreender o caminho da ternura e seus desdobramentos, esta pesquisa teológica buscou aprofundar os fundamentos bíblicos, para entender como o povo de Deus fez sua experiência terna do Senhor. Bem como o caráter antropológico, com sua marca fundamental no ser humano, que lhe é intrínseco, constituinte em seu ser. Assim, pode-se afirmar que a ternura é fundante na vida da humanidade, pois, é via de acesso para experiência humana e divina.

Além disso, no decorrer da pesquisa foi permitido compreender o amor-ternura como um estilo de vida, uma forma autêntica de apropriação do Evangelho. Por isso, a ternura possui um caráter eclesial: o modo de ser e de viver como Igreja é compassivo e misericordioso. Sendo assim, é impossível olhar para a comunidade eclesial sem ter como ponto de partida Jesus Cristo e suas ações. Portanto, compreende-se que a partir de Jesus é imprescindível a opção pelos pequenos e últimos da sociedade.

A Igreja da ternura é a Igreja que olha para os pobres e age com e em favor deles. Assim, possibilitou-se compreender os fundamentos teológicos do Papa Francisco e sua forma amorosa de agir em seu ministério petrino. A espiritualidade de Francisco evoca uma mudança interna no seio da Igreja e no diálogo com mundo, pois, se nutre no próprio Senhor. Ademais, se Francisco insiste com a igreja para agir com misericórdia e compaixão, é que a prática eclesial ainda necessita ser modificada, pois, os batizados são chamados a anunciar a Evangelho, a viver a fraternidade, lutar pela liberdade e justiça social.

Além disso, no decorrer da pesquisa tornou-se claro que o conceito de ternura foi identificado como amor e compaixão, o que fundamenta a pouca bibliografia sobre o tema. E ao mesmo tempo, demonstra que ainda é necessário aprofundar tanto no estudo teológico como na aplicação pastoral o papel da ternura, com seus desdobramentos práticos e seu *locus* teológico, além de sua relação com os demais campos do saber.

Por conseguinte, este trabalho não esgota o estudo teológico da ternura, ao contrário, aborda temas que podem ser ampliados e aprofundados, como: o estudo antropológico e sua relação com a ternura; a perspectiva bíblica no aprofundamento exegético do conceito de ternura; o caráter salvífico de Deus e sua ação terna em Jesus; a escatológica e seu vínculo com a ternura. Deste modo, a teologia da ternura é um campo teológico autêntico e válido, com seu caráter antropológico e teológico.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. Sagrada Escritura

BÍBLIA de Jerusalém. Nova ed. rev. e ampl. 8. impr. São Paulo: Paulus, 2012.

2. Documentos do Magistério

CONCÍLIO VATICANO II. **Constituição Dogmática Dei Verbum.** In: DOCUMENTOS DO CONCÍLIO VATICANO II. Petrópolis: Vozes, 2000.

CONCÍLIO VATICANO II. **Constituição Dogmática Lumen Gentium.** In: DOCUMENTOS DO CONCÍLIO VATICANO II. Petrópolis: Vozes, 2000.

CONCÍLIO VATICANO II. **Constituição Pastoral Gaudium et Spes.** In: DOCUMENTOS DO CONCÍLIO VATICANO II. Petrópolis: Vozes, 2000.

2.1 Documentos Papais

2.1.1 Exortação Apostólica

FRANCISCO, Papa. **Evangelii Gaudium.** Exortação Apostólica sobre o anúncio do evangelho no mundo atual. São Paulo: Paulus, 2013.

2.1.2 Carta Encíclica

FRANCISCO, Papa. **Fratelli Tutti.** Carta Encíclica sobre a fraternidade e a amizade social. São Paulo: Paulus, 2020.

FRANCISCO, Papa. **Laudato Si.** Carta Encíclica sobre o cuidado da casa comum. São Paulo: Paulinas, 2015.

JOÃO PAULO II, Papa. **Centesimus annus.** Carta Encíclica no centenário da Rerum Novarum. Disponível em: < https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_01051991_centesimus-annus.html >. Acesso em 10 nov. de 2023.

2.1.3 Carta Apostólica

FRANCISCO, Papa. **Carta Apostólica Patris Corde.** Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_letters/documents/papa-francesco-lettera-ap_20201208_patris-corde.html. Acesso em: 30 mar. 2023.

2.1.4 Catequeses

FRANCISCO, Papa. **Catequese sobre a Velhice 10. Jó. A prova da fé, a bênção da espera.** Disponível em: <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/audiences/2022/documents/20220518-udienza-generale.html> Acesso em: 27 mar. 2023.

FRANCISCO, Papa. **Catequese sobre São José Pai da ternura**. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/audiences/2022/documents/20220119-udienza-generale.htm>. Acesso em: 27 mar. 2023.

2.1.5 Audiências e Discursos

FRANCISCO, Papa. **Audiência Geral de 04 de abril de 2016**. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/audiences/2016/documents/papafrancesco_20160406_udienza-generale.html. Acesso em 15 nov. 2023.

FRANCISCO, Papa. **Audiência Geral de 09 de setembro de 2020**. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/audiences/2020/documents/papafrancesco_20200909_udienza-generale.html. Acesso em 15 nov. 2023.

FRANCISCO, Papa. **Audiência Geral de 13 de janeiro de 2016**. Disponível em: <http://www.iubilaeummisericordiae.va/content/gdm/pt/francesco/catechesi/2016-01-13Vaticanva.html>. Acesso em 15 nov. 2023.

2.1.6 Discursos

FRANCISCO, Papa. **Discurso do Santo Padre aos Participantes no Simpósio Nacional sobre “A Teologia da Ternura de Papa Francisco”**. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2018/september/documents/papa-francesco_20180913_convegno-tenerezza.html. Acesso em: 27 mar. 2023.

3. Documentos do Conselho Episcopal Latino-Americano e Caribenho

DOCUMENTO DE APARECIDA. São Paulo: Paulus, 2008.

4. Outras Obras

4.1 Livros

BOFF, Leonardo. **A força da ternura: Pensamentos para um mundo igualitário, solidário, pleno e amoroso**. Rio de Janeiro: Sextante, 2006.

CODA, Piero. **A Igreja é o Evangelho: Nas fontes da teologia do Papa Francisco**. Brasília: Edições CNBB, 2018.

DIANICH, Severino; NOCETI, Serena. **Tratado sobre a Igreja**. Aparecida: Editora Santuário, 2007.

FERNÁNDEZ, Eva. **O Papa da Ternura**. São Paulo: Paulinas, 2021.

ROCHETTA, Carlos. **Teologia da Ternura: um Evangelho a Descobrir**. São Paulo: Paulus, 2002.

SCANNONE, J. L. **A teologia do povo: raízes teológicas do Papa Francisco**. São Paulo: Paulinas, 2019.

SLEUTJES, Luiz. **Ecologia Integral e os sinais dos tempos**. São Paulo: Editora Pluralidades, 2023.

WERNICK, Jurgen. **A Fraqueza de Deus pelo Homem: A visão de Deus do Papa Francisco**. Brasília: Edições CNBB, 2018.

4.2 Capítulos de Livros

ASTIGUETA, María Silvina. A Ternura como Amor e Cuidado da Casa Comum (Ecoternura). In: TRASFERETTI, José Antonio; ZACHARIAS, Ronaldo (org.). **Ternura: uma abordagem ético-teológica**. São Paulo: Paulus, 2023.

CARMO, Solange; CALIL, Eduardo. Deus Espírito como delicadeza e leveza. In: TRASFERETTI, José Antonio; ZACHARIAS, Ronaldo (org.). **Ternura: uma abordagem ético-teológica**. São Paulo: Paulus, 2023.

CARMONA, Victor. Deus Filho como ternura encarnada. In: TRASFERETTI, José Antonio; ZACHARIAS, Ronaldo (org.). **Ternura: uma abordagem ético-teológica**. São Paulo: Paulus, 2023.

JÚNIOR, Nilo Ribeiro. A sabedoria da Ternura: por uma ética crística em tempos de discursos de ódio. In: TRASFERETTI, José Antonio; ZACHARIAS, Ronaldo (org.). **Ternura: uma abordagem ético-teológica**. São Paulo: Paulus, 2023.

SILVANO, Zuleica Aparecida. Deus Pai-Mãe no Antigo Testamento. In: TRASFERETTI, José Antonio; ZACHARIAS, Ronaldo (org.). **Ternura: uma abordagem ético-teológica**. São Paulo: Paulus, 2023.

TRASFERETTI, José Antonio. A ternura como opção e estilo de vida. In: TRASFERETTI, José Antonio; ZACHARIAS, Ronaldo (org.). **Ternura: uma abordagem ético-teológica**. São Paulo: Paulus, 2023.

ZACHARIAS, Ronaldo. A Ternura no processo de acolhida, acompanhamento, discernimento e integração. In: TRASFERETTI, José Antonio; ZACHARIAS, Ronaldo (org.). **Ternura: uma abordagem ético-teológica**. São Paulo: Paulus, 2023.

MILLEN, Maria Inês de Castro. A cultura do ódio. In: TRASFERETTI, José Antonio; ZACHARIAS, Ronaldo (org.). **Ternura: uma abordagem ético-teológica**. São Paulo: Paulus, 2023.

4.3 Artigos

FERNÁNDEZ, N. M.-G. **É POSSÍVEL UMA TEOLOGIA DA TERNURA?**. Perspectiva

Teológica, [S. l.], v. 42, n. 116, p. 45, 2010. DOI: 10.20911/21768757v42n116p45/2010. Disponível em: <https://www.faje.edu.br/periodicos/index.php/perspectiva/article/view/294>. Acesso em: 25 mar. 2023.

Fretto, Luis; Souza, Waldir. **A TERNURA: O GRANDE PROJETO REVOLUCIONÁRIO**. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/culturateo/article/view/44490/31158>. Acesso em: 25 mar. 2023.